



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
NÚCLEO INTERINSTITUCIONAL DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA E CIDADANIA**

**ESTUDO SOBRE PROGRAMA SOCIAL ESPORTIVO DA POLÍCIA MILITAR  
DO ESTADO DO MATO GROSSO**

**ELY CLEVERSON SIQUEIRA LIRA**

Cuiabá-MT

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
NÚCLEO INTERINSTITUCIONAL DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA E CIDADANIA**

**ESTUDO SOBRE PROGRAMA SOCIAL ESPORTIVO DA POLÍCIA MILITAR  
DO ESTADO DO MATO GROSSO**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Políticas de Segurança Pública e Direitos Humanos como requisito obrigatório para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Segurança Pública e Direitos Humanos, pela UFMT – ICHS/NIEVCI, sob a orientação do Professor Dr. Francisco Xavier Freire Rodrigues.

**ELY CLEVERSON SIQUEIRA LIRA**

Cuiabá-MT

Março/2017

ELY CLEVERSON SIQUEIRA LIRA

**ESTUDO SOBRE PROGRAMA SOCIAL ESPORTIVO DA POLÍCIA MILITAR DO  
ESTADO DO MATO GROSSO**

Monografia submetida à Banca Examinadora e julgada adequada para a concessão do Grau de **ESPECIALISTA EM POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA E DIREITOS HUMANOS**.

Nota: 8.8

---

Prof. Dr. Francisco Xavier Freire Rodrigues  
Prof. Orientador e Presidente da Banca

---

Prof.  
Prof. Me. Almir de França Ferraz  
Prof. Examinador

---

Prof. Me. Allan Kardec Pinto Acosta Benitez  
Prof. Examinador

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral descrever as contribuições do Projeto Judô BOpE (Batalhão de Operações Especiais) da PMMT (Polícia Militar do Estado do Mato Grosso) na formação e socialização de crianças carentes de Cuiabá/MT durante o ano de 2016. A metodologia adotada neste estudo é a pesquisa do tipo qualitativa que se baseou num estudo de caso do Projeto Judô BOpE em que realizamos entrevistas semiestruturadas, com dois professores e sete pais e/ou responsáveis de crianças atendidas pelo referido Projeto, no decorrer de uma aula no mês de novembro de 2016. A análise dos dados mostra que o Projeto Judô BOpE proporciona o esporte-participação e incentiva o esporte-rendimento as crianças carentes e/ou filhos de policiais militares. Além disso, o Projeto Judô BOpE tem democratizado o acesso da comunidade local ao esporte, proporcionando o reconhecimento social da polícia e a formação social, educacional e do caráter das crianças.

Palavras-chave: Polícia Militar. Esporte. Programa Social.

## **ABSTRACT**

This research has as main objective to describe the contributions of the Project Judô BOpE (Special Operations Battalion) of the PMMT (Military Police of the State of Mato Grosso) in the formation and socialization of poor children of Cuiabá/MT during the year of 2016. The methodology adopted in this study is the qualitative research that was based on a case study of the Project Judô BOpE in which we conducted semi-structured interviews with two teachers and seven parents and/or guardians of children attended by said Project during a class in the month of november of 2016. Data analysis shows that the Project Judô BOpE provides sports-participation and encourages sports-income of poor children and/or children of military police officers. In addition, the Project Judô BOpE has democratized the access of the local community to the sport, providing the social recognition of the police and the social, educational and character formation of the children.

Keywords: Military Police. Sport. Social Program.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O FENÔMENO ESPORTIVO E A ATIVIDADE POLICIAL</b> .....	8
<b>1.1 O esporte e as suas dimensões sociais</b> .....	8
<b>1.2 O policial e a sociedade</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	20
<b>2.1 Problema/questão da pesquisa</b> .....	20
<b>2.2 Natureza da pesquisa</b> .....	20
<b>2.3 Tipologia do objeto de estudo</b> .....	20
<b>2.4 Objetivo Geral</b> .....	21
<b>2.5 Objetivos específicos</b> .....	21
<b>2.6 Hipótese da pesquisa</b> .....	22
<b>2.7 Universo/População/Amostra</b> .....	22
<b>2.8 Técnica de coleta dos dados</b> .....	22
<b>2.9 Técnica de análise dos dados</b> .....	23
<b>CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	24
<b>3.1 O Projeto Judô BOpE segundo os professores: Adalberto e Vladson</b> .....	24
<b>3.2 Perfil das crianças atendidas pelo Projeto Judô BOpE</b> .....	30
<b>3.3 O Projeto Judô BOpE segundo os pais e/ou responsáveis</b> .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	34
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	36
<b>ANEXOS</b> .....	38

## INTRODUÇÃO

Este trabalho resultou da minha preocupação com relação a importância da aproximação entre as instituições policiais e a comunidade através de esportes ministrados pela polícia às crianças carentes.

O interesse pelo tema partiu de diversas motivações: primeiro, porque sou praticante da modalidade esportiva denominada Tênis e, em certo momento da minha vida, busquei pôr em ação um projeto social que visava oferecer a prática de Tênis a crianças carentes em retribuição a oportunidade que foi dada a mim por professores de Tênis, pelo apoio e introdução na prática deste esporte.

Segundo, porque após minha inserção na Academia de Polícia do Estado de Mato Grosso (ACADEPOL-MT) como aluno policial e ter constatado a existência de uma quadra de Tênis, sem utilização, coloquei em prática o projeto de Prática de Tênis com Policiais Civis com a intenção de oportunizar uma atividade física aos alunos policiais, proporcionando saúde, lazer e socialização dos mesmos durante o período do curso de formação policial. A partir disso, o meu objetivo era alcançar policiais formados em Educação Física que se interessassem pela prática do Tênis e, futuramente, se tornassem multiplicadores no ensino deste esporte com crianças e jovens da comunidade em geral.

Além disso, o terceiro motivo que me levou a pesquisar o tema foi o conhecimento da existência de outros projetos sociais desenvolvidos por policiais, civis e militares, do Estado do Mato Grosso, aguçando ainda mais o meu interesse pelo assunto.

O quarto e último motivo surgiu quando discutimos nas aulas do Curso de Especialização em Políticas de Segurança Pública e Direitos Humanos da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) diversos textos relacionados ao papel da polícia na promoção dos Direitos Humanos em que penso ser o esporte uma das formas da polícia promover o alcance destes direitos.

Nesse sentido, este estudo é relevante para a sociedade, pois chama a atenção para a importância da atuação policial na prevenção da criminalidade e da marginalização de crianças carentes por meio da oferta de atividades esportivas que promovem a cidadania.

Considerando estas motivações, com anuência do meu orientador, decidimos realizar um estudo de caso do programa social esportivo denominado Projeto Judô BOpE (Batalhão de Operações Especiais) que é ministrado/ofertado pela Polícia Militar do Mato Grosso (PMMT), com o objetivo de responder a seguinte pergunta: Quais as contribuições do Projeto Judô BOpE da PMMT na formação de crianças carentes e na socialização destas?

De modo a responder a questão da pesquisa, estruturamos este trabalho em quatro capítulos:

Capítulo 1 – Referencial teórico sobre o fenômeno esportivo e a atividade policial comunitária;

Capítulo 2 – Metodologia da pesquisa;

Capítulo 3 – Análise dos dados da pesquisa;

Capítulo 4 – Considerações Finais.

Desse modo, a partir dos resultados desta pesquisa, esperamos que se possa compreender melhor a contribuição do esporte na formação e socialização de crianças carentes e ainda destacar a importância dos programas sociais esportivos ministrados/ofertados pela PMMT, reconhecendo o papel desta instituição na promoção dos Direitos Humanos.



## **CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O FENÔMENO ESPORTIVO E A ATIVIDADE POLICIAL**

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico quanto as manifestações esportivas na sociedade e a importância da polícia na promoção dos Direitos Humanos, visando descrever as contribuições do Projeto Judô BOpE da PMMT na formação e socialização de crianças carentes de Cuiabá/MT durante o ano de 2016.

### **1.1 O esporte e as suas dimensões sociais**

O conceito de esporte passou por uma revisão durante a década de 60 do século XX, em que se reconhece não só o esporte de competição/rendimento, mas um esporte “compromissado com as suas perspectivas na educação, na participação das pessoas comuns” (TUBINO, 2011, p. 16), sendo visto como direito de todos. Nesse sentido, destaca-se que o esporte se tornou um fenômeno social no final do século XX pelo aumento considerável do número de praticantes e pelo surgimento de novas modalidades esportivas (TUBINO, 2011).

Assim, Cotta (1981 apud Tubino, 2011, p. 17-18) dissecou socialmente o fenômeno esportivo ao considerá-lo como um meio de socialização que favorece, pela atividade coletiva, o desenvolvimento da consciência comunitária. Além disso, aponta que ele é uma atividade de prazer, ativa para os praticantes e passiva para os que assistem aos espetáculos esportivos e que exerce a função de coesão social, ora favorecendo a identificação social, ora representando simbolicamente o corpo esportivo da nação. Também destaca que o fenômeno esportivo desempenha um papel de compensação, pelo prazer, contra o excesso de industrialização.

Com relação a isso, Oliveira (2007) diz que é possível identificar uma visão secundária e fragmentada do esporte ao vinculá-lo à violência, às drogas, à pobreza, etc., para ser justificado. Assim, a autora relata que os Adalbertos de políticas públicas parecem desconhecer a Constituição Federal que reconhece o esporte como um direito social e não como um amenizador do sofrimento das camadas populares.

No processo de ampliação e abrangência do conceito de esporte, precisou-se rever os conteúdos e estratégias para atender as necessidades das três dimensões

sociais: esporte-educação, esporte-participação ou popular e o esporte-performance que são formas de exercer o direito de todos a prática esportiva (TUBINO, 2011).

De acordo com Lima (1987 apud TUBINO, 2011), a manifestação esporte-educação deverá vincular-se obrigatoriamente as áreas pedagógicas: a) de integração social, b) de desenvolvimento psicomotor e c) das atividades físicas educativas. Desse modo, acrescenta-se que “o esporte na escola pode ser um dos meios mais efetivos de formação dos jovens” (TUBINO, 2011, p. 37), sendo a prática esportiva indispensável no desenvolvimento da personalidade dos alunos e imponderável no processo de emancipação dos mesmos. Nesse raciocínio, o esporte-educação também pode ser um caminho para o exercício pleno da cidadania desses jovens (TUBINO, 2011).

O esporte-participação, por sua vez, está relacionado ao princípio do prazer lúdico, tendo a finalidade de prazer dos seus participantes. Realizado em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações diárias, a participação das pessoas nas atividades esportivas ocorre de maneira voluntária (TUBINO, 2011). A respeito do esporte-participação Tubino (2011) assevera que:

[...] os programas de esporte popular mais efetivos são aqueles nascidos nos grupos ou comunidades, e onde os protagonistas voluntariamente tornam-se Adalbertoos, os agentes organizadores e os participantes das práticas criadas. Por tudo isto é que o esporte-participação ou popular é reconhecido como aquela dimensão social do esporte mais inter-relacionada com os caminhos democráticos (TUBINO, 2011, p. 40).

Por estas considerações, o esporte-participação favorece, como o próprio nome diz, a participação de todos que dele desejarem fazer parte.

Por outro lado, o esporte-performance ou de rendimento é a dimensão esportiva que exige uma organização complexa e altos investimentos, sendo geralmente praticado pelos chamados talentos esportivos “o que impede de ser considerado uma manifestação comprometida com os preceitos democráticos” (TUBINO, 2011, p. 41). O autor ainda afirma que, cada vez mais, a responsabilidade sobre esta manifestação esportiva tem sido passada para a iniciativa privada.

Ao considerar o esporte como um processo social, ele se subordina a uma teoria da sociedade e, por isso, deve-se ter “uma visão mais profunda de sociedade, bem como de seus mecanismos de controle social” (TUBINO, 2011, p.57).

Starepravo & Mezzadri (2003) ao comentarem sobre o surgimento do esporte moderno, o controle da violência, a inserção do esporte no controle e autocontrole das ações humanas, relatam que com a civilização da sociedade a partir da monopolização da violência física por parte do Estado, houve uma “maior sensibilidade quanto a utilização da violência, refletida nos hábitos sociais dos indivíduos”, manifestando também no desenvolvimento dos seus divertimentos (STAREPRAVO & MEZZADRI, 2003, p. 60).

Destaca-se em relação a monopolização da força física que ela teve como suposto que:

[...] as instituições com mandato de manter a ordem, entre os Estados e no interior do Estado-Nação, passaram, progressivamente, a se distanciar do mundo social e a constituir um grupamento especializado, claramente identificado no interior do espaço social, configurando-se como uma instituição disciplinada e disciplinar, com finalidade, no caso da organização policial, de manter a ordem social interior (BOURDIEU, 1994 apud SANTOS, 1997, p. 158).

Entretanto, Starepravo & Mezzadri (2003) apontam que, apesar do monopólio da força física por parte do Estado, não impediu que a violência passa-se a expressar de outras formas através da violência simbólica, por meio de agressões verbais ou ainda pelas discriminações racial, sexual ou religiosa. E, por essa razão, os esportes que envolvem força física ou simbólica, são estabelecidas regras para reduzir os riscos de agressões aos adversários, buscando diminuir os níveis de violência.

Na pesquisa realizada por Starepravo & Mezzadri (2003), com crianças e adolescentes praticantes de atividades esportivas da cidade de Curitiba/PR, observou-se que a prática esportiva constituíram uma válvula de escape para as tensões do dia dia, não por meio da violência física, mas por meio da violência simbólica, configurando a reprodução da violência social. Assim, concluem que “o esporte isoladamente não coíbe a violência social representada na configuração dos praticantes esportivos” (STAREPRAVO & MEZZADRI, 2003, p. 63).

Também Ferreira (2007), ao buscar entender o porquê das crianças e adolescentes atendidas pelo Programa Segundo Tempo, no núcleo Recanto dos Jovens do município de Valparaíso de Goiás, praticam atos de violência e vandalismo, constatou que estas crianças e jovens praticam estes atos por

considerá-los como diversão, sendo muitas vezes motivadas pelo “descontentamento com os padrões sociais e/ou familiares, fazendo dos espaços dirigidos a educação formal e esportiva, um espaço para descarregar angústias e frustrações” [...] (FERREIRA, 2007, p. 32).

Cabe destacar que a prática de atividade física sempre esteve presente na vida humana, porém, com a expansão da zona urbana, a partir da Revolução Industrial no século XIX, houve uma redução na prática de atividades físicas, pois as crianças perderam espaços de lazer para prática de “jogos infantis”, acentuando-se esse quadro com o aumento da violência (ANTÔNIO & ALMEIDA, 2013).

Para Bickel, Marques & Santos (2012) algumas vivências como companherismo, desafio dos limites, superação dos obstáculos que são compartilhados em práticas esportivas estão cada vez mais raras, uma vez que, fatores como a violência, falta de espaços adequados, trabalho infantil, o uso desregrado de jogos, redes sociais e sites de relacionamento acabam por afastar ainda mais as crianças das atividades esportivas.

Bickel, Marques & Santos (2012) ao abordar num estudo sobre a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais, tendo como referência o Programa Segundo Tempo da cidade de Taquara do Estado do Rio Grande do Sul, apontam que liderança, trabalho em equipe, respeito às regras são alguns dos valores vivenciados, muitas vezes indiretamente, quando um profissional de Educação Física intervêm e, provoca estes valores nos participantes da atividade física. Assim, relatam que muitos dos programas e projetos sociais são oferecidos por governo e instituições com o intuito de possibilitar as crianças e jovens: atividades esportivas e pedagógicas, o direito de brincar e de se divertir, a socialização de crianças e a conscientização destas sobre o perigo das drogas (BICKEL, MARQUES & SANTOS, 2012).

É importante evidenciar o papel dos pais na iniciação das crianças e jovens em práticas esportivas. De acordo com Marques (2000 apud BICKEL, MARQUES & SANTOS, 2012) quando os pais são compreensivos, entendem as limitações e o tempo de amadurecimento do seu filho no esporte, eles podem contribuir para o desenvolvimento de motivações, da autoestima, da construção de valores e do processo de construção da identidade da criança.

Com relação ao Programa Segundo Tempo, Bickel, Marques & Santos (2012) concluem que o esporte influencia positivamente a vida dos envolvidos na prática de

atividades físicas, sejam alunos, professores, técnicos. Além disso, os autores asseveram que os aprendizados vivenciados no esporte são transferidos para a sociedade, com o incentivo do Governo através de programas federais e com políticas públicas que utilizam o esporte como meio de intervenção social.

De acordo com Antônio & Almeida (2013), muitos projetos sociais tendem a incluir jovens em atividades esportivas com o pressuposto de que os mesmos gostam de praticá-las. Porém, em pesquisa realizada por Vianna & Lovisolo (2011), sobre a percepção de professores de educação física que atuam em projetos de inserção social através do esporte em comunidades populares do município do Rio de Janeiro, afirmam que:

A procura do esporte pelos membros das classes populares, como um meio de elevação social, especialmente por aqueles que são residentes em comunidades violentas, pode representar uma forma de auto-realização e de superação da condição de não ter direitos de cidadania plena.

No entanto, por não vislumbrar perspectivas de mobilidade social ou por desconhecer os caminhos que conduzam a ascensão social dos alunos provenientes das camadas populares, é possível que o professor negligencie ou desvalorize a relevância das atividades esportivas para este fim (VIANNA & LOVISOLO, 2011, p. 294).

Ao assumir essa postura, o professor e os projetos sociais deixam de atender as expectativas dos participantes de crescimento no esporte, podendo acarretar na evasão dos mesmos e por em dúvida os objetivos/metasp de socialização por meio do esporte e lazer (VIANNA & LOVISOLO, 2011). À vista disso, os responsáveis por projetos de inclusão social necessitam de treinamento, uma vez que, suas crenças e atitudes para com os jovens envolvidos refletem o sucesso dos projetos (ANTÔNIO & ALMEIDA, 2013).

Outro estudo sobre projetos sociais esportivos é o de Oliveira (2007). Na pesquisa, a autora abordou a questão da influencia do esporte na inclusão social de crianças e adolescentes, alunos da Vila Olímpica do Conjunto Ceará na cidade de Fortaleza, a partir da análise do Projeto Velas do Ceará – Esporte Solidário e Vilas Olímpicas da Juventude do Ceará.

Segundo Oliveira (2007), os alunos participantes dos projetos pertecem ao estrato social baixo e, apesar de, os professores terem demonstrado compreensão das propostas dos projetos, em suas práticas pedagógica, não se percebe “elementos que dêem sustentação ao esporte na perspectiva social e educacional,

estando sua prática bem mais próxima às características do esporte de rendimento” (OLIVEIRA, 2007, p. 74). Observou-se que, em relação a prática pedagógica, há uma lacuna entre teoria e prática. Nesse contexto, para a autora, o esporte não é um instrumento de inclusão.

## 1.2 O policial e a sociedade

Balestreri (1998) assevera que as polícias são um dos agentes fundamentais na promoção dos Direitos Humanos e, por isso, faz-se necessário que o aperfeiçoamento da formação policial contemple, em suas escolas e academias, cursos com temas relacionados aos direitos humanos e à cidadania, visto que, as polícias são agentes legitimados com poder pelo Estado, podendo atuar na implementação dos direitos humanos ou na violação dos mesmos.

A organização policial enquanto formadora de um ofício específico é marcada pela duplicidade do exercício do monopólio da violência física legítima e de agente de produção de consenso (SANTOS, 1997). Destaca-se dois modelos de formação da polícia: o modelo francês e o modelo inglês. O “modelo francês de polícia” estava ligado “à formação do Estado, fazendo com que o poder imprima sua marca à Polícia, centralizada e estatal” (GLEIZAL, GATTI- DOMENACH & JOURNÉS, 1993, p. 51-86 apud SANTOS, 1997, p. 158-159).

Nesse sentido, o elo entre a organização policial e a defesa da ordem social surgem como um dos elementos principais da formação da sociedade capitalista. No Brasil, em estudo realizado por Heloísa R. Fernandes, sobre a Força Pública do Estado de São Paulo, indica, no período da Primeira República, a necessidade do desempenho da função de “força de repressão ostensiva aos movimentos trabalhistas” (SANTOS, 1997, p. 160).

Entretanto, somente a força física não é capaz de preservar a ordem social e pública, para isso, Santos (1997) comenta, a respeito da construção do consenso, sobre a tardia formação da polícia inglesa, o “modelo inglês de polícia” que se baseia na relação dos membros da polícia com a sociedade local:

[...] Esta “polícia comunitária” acentuava sua legitimidade seguindo alguns princípios: prevenir o crime e a desordem; reconhecer que o poder policial depende da aprovação do público e deste modo ganhar a

cooperação voluntária; reconhecer que a cooperação do público está na razão inversa da necessidade de utilizar a coerção física; empregar a força física minimamente; oferecer um serviço a todos os cidadãos; manter a relação polícia-público; respeitar o poder judiciário; reconhecer que o indicador da eficácia da polícia é a ausência do crime e da desordem (GLEIZAL, GATTI-DOMENACH & JOURNÉS, 1993, p. 87-108 apud SANTOS, 1997, p. 160).

Para Santos (1997), a organização policial depende do exercício da coerção física legal aliado com a busca da legitimidade de sua ação social. Portanto, assevera que a função da organização policial na sociedade brasileira, na época contemporânea, são definidas a partir da relação dinâmica entre o exercício da violência legítima, a construção do consenso e as práticas de excesso de poder (a violência ilegítima) (SANTOS, 1997).

A instituição policial representa um setor estratégico para a transformação da sociedade visto que está diretamente ligada à mesma. O policial também é um membro da sociedade e, por tanto, não cabe a diferenciação entre a existência de uma “sociedade civil” e uma “sociedade policial”. O policial é porta-voz da sociedade, representando as diversas autoridades das áreas do poder. Sua área profissional é formadora de opinião, podendo-se falar da existência de um educador revestido de nobreza, quando conscientemente explicitada em suas atitudes e comportamentos. Por isso, o policial deve-se sentir orgulhoso e motivado de sua profissão de modo que se possa ressignificar a importância social da polícia e melhor prestar os seus serviços (BALESTRERI, 1998).

Considerada como uma espécie de superego social, a instituição policial é importante em sociedades urbanas complexas para atuar na contenção da sociopatia. No entanto, o policial deve ter consciência de que sua ação deve ser coerente, não podendo ser confundida com truculência, visto estar num patamar de visibilidade moral e, por isso, o policial deve dar exemplo de conduta. Essa auto-importância obriga o policial a agir de acordo com a “ética cidadã”, isto é, zelar pela instituição policial, abominando qualquer atitude ilícita praticadas até mesmos por agentes de profissão da qual participa (BALESTRERI, 1998).

Desse modo, Balestreri (1998) diz que para avançarmos para um modelo mais participativo de democracia, precisamos educar as pessoas. Todas as profissões que trabalham com pessoas têm uma dimensão que antecede o seu específico profissional, a dimensão pedagógica. Um agente social investido de poder

tem uma função testemunhal muito importante sobre o inconsciente coletivo, motivando o exercício do bem ou incitando à violência através de suas práticas. Para o autor, se a mudança do mundo passa pela educação, é preciso escolher estrategicamente alguns setores-chaves para catalisar este processo, sendo a polícia um dos setores estratégicos no campo de direitos humanos por ser um segmento da sociedade (BALESTRERI, 1998).

Nessa convicção, Balestreri (1998) ainda afirma que se a polícia é importante para a manutenção da ordem, evidentemente, é importante para a defesa dos direitos. O policial foi instituído hoje para ser o defensor número um dos direitos humanos numa sociedade democrática. O que se espera é que o policial tenha um perfil antagônico do criminoso. Quando começamos a mudar, a qualificar-nos, a fazer melhor nosso trabalho, a viver melhor nossas relações com nossos semelhantes, deixamos de ser vítimas impotentes à espera da boa vontade alheia, das mudanças alheias, da melhoria alheia, e passamos a trabalhar com o que temos, com o que efetivamente podemos melhorar (BALESTRERI, 1998).

Carvalho & Fátima e Silva (2011) abordam a questão do sistema de segurança pública brasileiro ao dizer que, a partir da Constituição Federal de 1988, se estabeleceu um compromisso legal com a segurança individual e coletiva, entretanto, as políticas de segurança serviam apenas de paliativo às situações emergenciais e, somente uma década após a promulgação da Constituição que se estabeleceu a segurança pública como dever do Estado e responsabilidade de todos quando:

[...] a política de segurança pública passa a ser pensada sob o contexto de uma sociedade democraticamente organizada, pautada no respeito aos direitos humanos, em que o enfrentamento da criminalidade não significa a instituição da arbitrariedade, mas a adoção de procedimentos tático-operacionais e político-sociais que considerem a questão em sua complexidade. Nesse panorama, no ano de 2000, é criado o Plano Nacional de Segurança Pública (PNSP), e no ano de 2007, o Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), inovando a forma de abordar a questão (CARVALHO & FÁTIMA E SILVA, 2011, p. 62).

Nesse momento, houve a preocupação em envolver a sociedade organizada nas decisões sobre as políticas de segurança pública de modo que as ações de



controle da criminalidade e da violência fossem eficazes e eficientes na promoção da pacificação social (CARVALHO & FÁTIMA E SILVA, 2011).

Desse modo, cumpre evidenciar de forma sucinta, a trajetória histórica da Polícia Militar no Brasil e no Estado do Mato Grosso – instituição social integrante da Segurança Pública – a fim de situar nosso objeto de estudo.

De acordo com Brasil ([201?]), em notícia veiculada no *site* do Senado Federal, as Polícias Militares no Brasil surgiram no século XIX, com a chegada de D. João VI, em 1808. Um ano depois, foi criada a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia do Rio de Janeiro, semelhante a Guarda Real de Polícia de Lisboa, em função do crescimento populacional da cidade e para a segurança da nobreza recém chegada. Todavia, com crescimento populacional também em outras regiões do Brasil, outros corpos policiais foram criados.

Com relação a história da Polícia Militar do Estado do Mato Grosso, os estudos sobre o tema são escassos. No entanto, “o livro de Ubaldo Monteiro intitulado “A Polícia de Mato Grosso – História e evolução – 1835 a 1985”, é uma das poucas referências a respeito do tema (BALIEIRO, 2009, p. 345). De acordo com o autor desta obra, a polícia militar surgiu em 1835 com a denominação de “Homens do Mato”, pois, sua função era recapturar escravos fugitivos e destruir quilombos, utilizando ações que se aproximavam das táticas de guerrilha (BALIEIRO, 2009).

Sobre o surgimento da polícia militar do estado do Mato Grosso, destaca que “O modelo de Estado instaurado pelos portugueses serviu de base para o modelo de polícia constituído no Brasil, resguardando os interesses das elites, garantindo as relações políticas senhoriais e a ordem liberal burguesa” (MAINARDI, 2009, p. 22).

Com a proclamação da república, as forças policiais passaram a ser conhecidas como Corpos Militares de Polícia, valendo-se da designação “Militar”. A partir da promulgação da constituição republicana de 1891, os estados ganharam autonomia e passaram a utilizar denominações diversas para sua força policial, como Batalhão de Polícia, Regimento de Segurança ou Brigada Militar. Somente em 1946, com a Constituição após o Estado Novo, ocorreu a padronização da nomenclatura para “Polícia Militar”, com exceção até hoje para o estado do Rio Grande do Sul que mantém o nome Brigada Militar (BRASIL, 2013).

No Mato Grosso, em 1951, foi criado o Centro de Instrução Militar com o objetivo de melhorar a produtividade da tropa policial, formando a primeira turma de

oficiais aspirantes em 1953. Quando o CFO (Curso de Formação de Oficiais) foi fechado, em 1960, os demais oficiais continuaram sendo formados em outros Estados. Mas, o Centro de Instrução Militar manteve a formação de cabos e sargentos com o corpo docente já formado pelo próprio Centro de Instrução Militar (MAINARDI, 2009).

No período do regime ditatorial brasileiro (1964-1985) as polícias passaram a ser guiadas por uma classificação hierárquica única, sendo extintas as guardas civis e organizações similares. Em 1967, criou-se a Inspeção Geral das Polícias Militares, subordinada ao Exército, que sob a sua intervenção, perseguiram os opositores do regime (BRASIL, 2013).

A promulgação da nova constituição, de 1967, do Estado do Mato Grosso não trouxe modificações em seus artigos à respeito da polícia militar. No entanto, ocorreram mudanças na estrutura orgânica do Estado que foram importantes para a instituição, tais como a criação da Secretaria de Segurança Pública e da Inspeção Geral das Polícias Militares do Brasil (MAINARDI, 2009).

Em 1973, foi criado o Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da Polícia Militar de Mato Grosso, no lugar do antigo Centro de Instrução Militar. Em 1979, ele foi deslocado para a cidade de Várzea Grande – atual Academia de Polícia Militar Costa Verde. Em 1978, foi aprovado o Regimento Disciplinar da Polícia Militar do Mato Grosso, pois até então, seguia-se o Regulamento Disciplinar do Exército. Apesar da aprovação desse regulamento, a polícia manteve os rígidos valores militares (MAINARDI, 2009).

Em 1983, criou-se a Companhia da Polícia Militar Feminina. A respeito do ingresso feminino na instituição policial, a difusão nos cursos de formação policial da ideologia militarista acabou excluindo, por muito anos, as mulheres da participação da polícia militar do Estado do Mato Grosso, pois, valoriza-se as “características consideradas pela cultura social como masculinas, tais como força física, embate e desprendimento” (MAINARDI, 2009, p. 26-27). Em quase todos os Estados brasileiro a entrada feminina nas polícias militares ocorreu entre as décadas de 1970 e 1980, devido a necessidade da instituição ser legitimada pela sociedade como instituições democráticas em defesa do cidadão, tendo em vista o processo de redemocratização do país (MAINARDI, 2009).

Nos dias atuais, de acordo com a Constituição Federal de 1988, os policiais militares são subordinados ao governador e são consideradas forças auxiliares e

reserva do exército, em caso de emergência ou estado de sítio. Mainardi (2009, p. 26) lembra que “Independente de permanecer vinculada ao Exército Brasileiro, a PMMT conseguiu certa autonomia com a conquista da liberdade de escolha de seu comandante-geral dentre os oficiais de seus quadros”.

No século XXI, ocorreram diversas mudanças na organização da Polícia Militar do Estado do Mato Grosso, em que podemos citar alguns: criação da Polícia Militar do Grupo Especial de Fronteiras (GEFron) – 2002; criação do Centro Integrado de Operações de Segurança Pública (CIOSP) – 2002; instituição no Estado do Mato Grosso do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) – 2002; transformação da 2ª Companhia do Batalhão de Polícia Militar de Guardas em Companhia Independente de Polícia Militar de Segurança Institucional – 2003; criação do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (BOPe) – 2003; criação do Centro Integrado de Operações Aéreas (CIOPAER) – 2006; extinção do Batalhão de Polícia Militar de Trânsito – 2007; autorização para ativação do Regimento de Cavalaria de Polícia Militar do Estado de Mato Grosso – 2011 (MATO GROSSO, [201?]).

No que tange as principais ações e programas sociais da Secretaria de Segurança Pública (Sesp), desenvolvidos pela Polícia Militar do Estado do Mato Grosso, que abordam, especialmente, a questão da prevenção às drogas, destacam-se: o Proerd (Programa Educacional de Resistência às Drogas), a Rede Cidadã e os projetos Judô BOPe e o Jiu Jitsu Rotam.

O Proerd é um programa que leva informação aos estudantes sobre a importância de dizer não às drogas. Ele é desenvolvido pela Polícia Militar do Estado de Mato Grosso desde o ano de 2000. No início, atendiam estudantes das cidades de Cuiabá e Várzea Grande e, posteriormente, foi expandido para os municípios do interior do estado.

O programa Rede Cidadã, que teve início em 2005, oferecendo aos estudantes da rede pública de ensino atividades culturais, esportivas e educacionais. Para isso, conta com pessoal de formações diversas que dão suporte aos estudantes e familiares, aonde cabe aos policiais militares e assistentes sociais realizarem, frequentemente, visitas domiciliares.

Os projetos sociais Judô BOPe e o Jiu Jitsu Rotam são desenvolvidos pela PMMT que oferecem atividades esportiva de artes marciais as crianças e adolescentes com o propósito de prevenir e afastá-las de drogas e outras formas de

violência. O Judô BOpE surgiu em 2005 atendendo crianças e adolescentes dos bairros circunvizinhos do BOpE e o Jiu Jitsu Rotam iniciou suas atividades em 2012 atendendo inicialmente crianças e adolescentes do bairro Dom Aquino, em Cuiabá.

No capítulo a seguir, descrevemos a metodologia adotada bem como os critérios que nos levaram a escolher o Projeto Judô BOpE como programa social esportivo, objeto de nosso estudo.

## **CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DA PESQUISA**

Neste capítulo abordamos o delineamento da pesquisa: o problema e a natureza da pesquisa, os objetivos, as amostras e as técnicas de coleta e de análise dos dados que foram utilizadas para a realização desta pesquisa.

### **2.1 Problema/questão da pesquisa**

Quais as contribuições do Projeto Judô BOpE da PMMT na formação de crianças carentes e na socialização destas?

### **2.2 Natureza da pesquisa**

Considerando o problema da nossa pesquisa, a abordagem que melhor auxilia na investigação é a pesquisa do tipo qualitativa, por não se preocupar com representatividade numérica, uma vez que, as amostras analisadas são as falas dos sujeitos entrevistados. Compartilhamos a ideia de que a pesquisa qualitativa:

[...] trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001 apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 32).

Nesse sentido, com a amostra da pesquisa busca-se obter informações aprofundadas e ilustrativas de modo a produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991 apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 32).

### **2.3 Tipologia do objeto de estudo**

Quanto aos objetivos da pesquisa, ela é desenvolvida através de um estudo exploratório do tema.

As pesquisas exploratórias, segundo Gil (2002, p. 41), “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais

explícito ou a constituir hipóteses”. Sendo assim, o autor afirma que a maioria das pesquisas exploratórias envolvem: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" ” (GIL, 2002, p. 41 apud SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 63).

Quanto aos procedimentos, a pesquisa é bibliográfica porque é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” [...] (GIL, 2002, p. 44).

Além disso, a pesquisa trata-se de um Estudo de Caso por abordar um programa social esportivo desenvolvido pela PMMT. Compreendemos as características deste tipo de pesquisa como se define a seguir:

Um estudo de caso pode ser caracterizado como o estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma entidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto estudado, mas revelá-lo tal como ele percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível correta e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33 apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 39).

## **2.4 Objetivo Geral**

Descrever as contribuições do Projeto Judô BOpE da PMMT na formação e socialização de crianças carentes de Cuiabá/MT durante o ano de 2016.

## **2.5 Objetivos específicos**

- A) Apresentar o esporte como direito social e as suas dimensões esportivas: esporte-educação, esporte-participação e esporte-rendimento;
- B) Identificar alguns estudos que destacam as diferentes possibilidades de valores compartilhados entre crianças integrantes de programas sociais esportivos.

- C) Apresentar um panorama da trajetória da polícia e da PMMT, reconhecendo a importância desta instituição na promoção dos Direitos Humanos.
- D) Apresentar os principais programas sociais esportivos da PMMT destinados a crianças carentes.
- E) Realizar entrevistas semiestruturadas com professores e pais e/ou responsáveis de crianças participantes do Projeto Judô BOpE;
- F) Analisar e discutir as contribuições do Projeto Judô BOpE na formação e socialização de crianças carentes.

## **2.6 Hipótese da pesquisa**

Os programas esportivos e sociais da PMMT cumprem importante função social ao reinserir crianças e jovens na sociedade e afastá-los da marginalização.

## **2.7 Universo/População/Amostra**

Considerando os principais programas sociais desenvolvidos pela Polícia Militar do Estado do Mato Grosso, escolhemos o programa social que satisfaz os seguintes requisitos: a) ser apenas voltado a oferta de atividade esportivas as crianças e jovens de comunidades carentes; b) ser ofertado e ministrado pela polícia do Estado do Mato Grosso na cidade de Cuiabá/MT, durante o ano de 2016; c) ser o programa mais antigo.

Assim, o projeto Judô BOpE social cumpre estes requisitos, por isso, ele é nosso objeto de investigação no capítulo a seguir. À vista disso, o público alvo da pesquisa são professores e pais e/ou responsáveis dos alunos que participam do Projeto Judô BOpE.

## **2.8 Técnica de coleta dos dados**

A técnica de coleta de dados da pesquisa é a entrevista semiestruturada. A entrevista foi realizada no mês de novembro de 2016. Recolhemos as informações dos sujeitos investigadas a partir das falas de 7 (sete) pais e/ou responsáveis das crianças participantes do Projeto Judô BOpE e das falas de 2 (dois) professores que

ministram as aulas no programa. As entrevistas foram registradas em áudio. Os pais e/ou responsáveis foram entrevistados enquanto os seus filhos estavam participando da aula e os professores foram entrevistados ao final da referida aula.

Doze perguntas serviram de parâmetro para a realização das entrevistas com professores as quais buscaram identificar as pessoas que participam do projeto social Judô BOpE, quando e como iniciou o projeto, onde e em que horário são realizadas as aulas, a aceitação do projeto por parte da comunidade, os tipos de atividades propostas pelo projeto, o reconhecimento social da atividade policial, a formação e socialização de crianças a partir da participação no projeto, o rendimento escolar dos alunos, as dificuldades para implementação/continuidade do projeto.

Já as questões que nortearam as entrevistas com os pais e/ou responsáveis foram seis e buscaram basicamente identificar a idade da criança, o bairro onde mora e o tempo de participação da mesma no projeto, o conhecimento da existência do projeto, as atitudes perceptíveis nas crianças após a participação no programa e a avaliação dos pais em relação ao projeto.

A partir das respostas apresentadas pelos pais e professores, comparamos as informações de modo a compreender nosso problema de pesquisa em que apresentamos os resultados no capítulo 3.

## **2.9 Técnica de análise dos dados**

Para o tratamento das informações obtidas através de entrevistas com os professores e pais e/ ou responsáveis de crianças participantes do Projeto Judô BOpE foi utilizada como técnica de análise dos dados, a Análise de Conteúdo. Segundo Gerhardt & Silveira (2009) este tipo de análise tem como características a objetividade, a sistematização e a inferência. Sobre esta técnica de análise dos dados, afirma-se que:

[...] ela representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42 apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 84).

No capítulo a seguir, apresentamos os resultados da análise das entrevistas com os sujeitos desta pesquisa.



## CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo caracterizamos o Projeto Judô BOpE e os alunos participantes, a partir da transcrição das entrevistas dos pais e/ou responsáveis e dos professores que participaram da pesquisa. A seguir, apresentamos e discutimos os dados coletados de modo a identificar quais as contribuições do Projeto Judô BOpE da PMMT na formação e socialização de crianças carentes.

### 3.1 O Projeto Judô BOpE segundo os professores: Adalberto e Vladson

O Projeto Judô BOpE é realizado em um espaço localizado dentro do BOpE da PMMT em que está situado na avenida Historiador Rubens de Mendonça, conhecida como avenida do CPA. As aulas ocorrem nos seguintes dias da semana: segunda, quarta e sexta-feira, das 18 horas e 30 minutos às 20 horas. Há sete professores voluntários no Projeto: Adalberto, subtenente e idealizador do Projeto; Vladson, médico; Gustavo Moreira, dentista; Rodrigo, engenheiro agrônomo; Gilmar, educador físico, e os professores Martinho, Willy e Sinval.

Nesta pesquisa, foram entrevistados o professor Adalberto e o professor voluntário Vladson<sup>1</sup>. O professor Adalberto justifica o nome do Projeto Judô BOpE e cita a data de sua criação, conforme segue:

Primeiro Judô, porque é o esporte onde a gente dá preferência maior né. Segundo BOpE, por ser a instituição onde a gente faz parte, né. Como sou policial aqui do BOpE a vinte anos e, em princípio, era o seguinte... nós criamos uma área pra gente treinar lutas, porque nossos objetivos são: operar, dar instrução e treinar. Então a gente queria ter um espaço de treinamento pra gente poder treinar técnicas de táticas de abordagens... defesa pessoal, imobilizações táticas, voltadas para a tropa. Em segundo plano, pra otimizar este espaço, usar para atender os filhos dos policiais e as crianças da circunscrição, né. Então, em cinco de outubro de 2010, foi criado no BOpE a seção de instruções especializadas e, dentro da seção especializada, uma seção de projetos, né.. pra atender o Judô BOpE, para usar o espaço para atender as pessoas da circunscrição.

---

<sup>1</sup> Médico e judoca desde pequeno. Sua iniciação nas atividades esportivas, na parte de instrução técnica e de competição, do Projeto Judô BOpE ocorreu pelo convite do professor Adalberto. Vladson é um dos professores voluntários mais antigos do Projeto Judô BOpE.

Ainda, o professor Adalberto, comenta que hoje o Projeto atende cerca de 350 a 360 crianças de diferentes localidades e de diferentes poder aquisitivo. Entretanto, dá-se preferência no Projeto às crianças que estudam em escolas públicas e/ou estudantes bolsistas em escolas privadas. Ressalta-se que a maioria das crianças atendidas no Projeto são filhos de policiais militares e crianças de bairros do entorno do BOpE. Por estas considerações, compartilhamos o entendimento de que o esporte praticado no Projeto Judô BOpE tem a característica de socializar indivíduos das mais diferentes classes, religiões, gêneros, entre tantas outras diferenças presentes na nossa sociedade (BICKEL, MARQUES & SANTOS, 2012).

Para o professor Adalberto, essas diferenças sociais é a verdadeira integração social, pois permite as crianças de diferentes classes sociais interagirem entre si. Desse modo, entendemos que o esporte faz a diferença quando há a compreensão das diferenças sócio-culturais e econômica, por meio de um trabalho de conscientização sobre a cidadania e do esporte como canal de aproximação de culturas e redução de conflitos (FERREIRA, 2007, p. 27). Além disso, o professor Adalberto destaca, em relação ao Projeto Judô BOpE, que:

O objetivo principal continua sendo usar o esporte como instrumento de doutrina, educação e capacitação. Eu penso que como educador físico você pode usar o esporte como instrumento de educação, porque o judô além de uma arte marcial é: uma doutrina, uma filosofia e tem hierarquia e tem disciplina. Você ensina as crianças cooperação, atividades psicomotoras, integração. E se a criança não se tornar um atleta, ele vai se tornar uma pessoa responsável, bom cidadão, porque ele vai aprender ter cooperação, responsabilidade, essas coisas.

O professor Vladson afirma que “como o judô é um esporte marcial, independente de toda disciplina, toda conduta que a gente tenta orientar pra eles, querendo..., vai ter a ver com o comportamento da criança e do adolescente depois”. Ele também aborda a questão do Projeto ser de esporte de arte marcial e, por estar localizado dentro de um quartel, existe uma regra a ser seguida, não somente a regra do Judô, mas a regra do quartel. Por isso, ele diz que os alunos têm que ter disciplina, ser obediente e assíduo.

Por este ponto de vista, Ferreira (2007, p. 15) destaca que a existência de normas e regras é fator imprescindível para a vida individual e coletiva dentro de uma instituição escolar e núcleos de práticas esportivas, visto que, contribui para

que as atividades de ambas as partes sejam evidenciadas e claramente observadas para um bom desempenho dos trabalhos de aprendizagem.

Por outro lado, segundo o professor Vladson, para cativar as crianças e adolescentes no Projeto, há um estímulo na parte da competição:

Só que tem um outro estímulo que é a parte da competição, que ai eu corro atrás bastante e ajudo, os atletas que se destacam, pra competir fora. Então, eu corro atrás de alguns amigos meus que ajudam na..., depois... ele tá treinando, ganha, consegue viajar... Então, tem muitos atletas aqui que, a gente observa, que nunca teria condições de sair nem de Cuiabá. Mas, que já conheceram o Brasil inteiro por causa do esporte. Então eles passam a ter uma outra visão, diferente do solo do bairro dele. Ele acha..., as vezes, uma menina acha que a vida é só aquilo que ela tem lá, começa a viajar no Brasil inteiro, vê que tem outras coisas diferentes do bairro, tem outra concepção de vida. E eu acho que isso ajuda agregar valor, passa a ter uma visão mais ampla, em relação a vida.

Concluimos que os professores participantes do Projeto Judô BOpE são realmente engajados e dedicados para com o desenvolvimento social e educacional das crianças, estimulando-as a evoluírem na prática do Judô através de suas participações em campeonatos estaduais e nacionais.

Assim, pode-se dizer que o Projeto Judô BOpE promove o esporte-participação, visto que, além de possibilitar o prazer lúdico e o bem-estar social de seus praticantes, esporte-participação:

[...] ao promover a participação e ao obter sucesso neste seu objeto principal, pode-se afirmar, equilibra o quadro de desigualdades de oportunidades esportivas encontrado na dimensão do esporte performance. Enquanto o esporte-performance só permite sucesso aos talentos ou àqueles que tiveram condições, o esporte participação, ao contrário, favorece o prazer a todos que desejarem tomar parte (TUBINO, 2011, p. 40).

Nesse sentido, o Projeto Judô BOpE proporciona esporte, lazer e conhecimento cultural por meio das atividades do Judô as crianças carentes que não teriam condições de praticar este esporte e muito menos de conhecer outros estados brasileiros por meio de participação em eventos esportivos estaduais e nacionais.

De acordo com o professor Adalberto, a aceitação social do Projeto Judô BOpE foi um processo gradativo. A divulgação do Projeto se deu a partir de

informações de uma pessoa para outra, e o professor Adalberto buscou na iniciativa privada recursos para pôr em prática as atividades do Judô. Ele destaca que, no início, as crianças não possuíam o Kinomo e, atualmente, todos os professores que participam do Projeto são voluntários, constituídos a maioria por profissionais liberais.

Relata o professor Adalberto que, conforme as crianças foram melhorando na prática do Judô, progressivamente aumentou a procura de pessoas pelo Projeto: “no começo era um tatame de 6m X 6m. Hoje, nós temos cerca de 340m<sup>2</sup>. Tem dois tatames de 17 por 10. E se tivesse maior, ainda tinha espaço pra mais gente”, pois todo dia cerca de 10 a 15 pessoas procuram o Projeto.

Além disso, o professor Adalberto afirma que o esporte Judô pode ser praticados por pessoas de diferentes idades a partir dos 4 anos. De acordo com ele, há exercícios específicos para determinadas faixas etárias, mas também há exercícios que podem ser praticados por todos, independente de idade, tais como exercícios aeróbios, anaeróbios, corridas e alongamentos.

Para avaliar as crianças participantes do Projeto Judô BOpE, são observados pelos professores a assiduidade, o desenvolvimento, a disciplina, o desempenho escolar através de boletins, etc. Quanto a mudança de faixa das crianças pequenas, o professor Adalberto relata que há um período específico para cada graduação para não desestimular as crianças, conforme regras da CBJ (Confederação Brasileira de Judô) e da Federação Mato Grossense.

À vista do Projeto Judô BOpE ser realizado dentro do Batalhão de Operações Especiais (BOpE), coube destacar a relação estabelecida entre a polícia e a comunidade a partir da implementação do Projeto que segundo o professor Adalberto, no início o pessoal (policiais):

Era meio empático a essa entrada de pessoas de fora aqui, porque como você sabe o Batalhão de Operações Especiais é o último recurso da polícia. Então, quase ninguém sabia quem era a gente. Sabia por notícias o que a gente fazia né. Então, a princípio teve um certo receio, mas, posteriormente,...e a maior parte do... tem um monte de filhos de policiais que treinam aqui, foi tendo uma aceitação melhor. E também foi uma quebra de paradigma dentro da nossa unidade né, porque a gente trouxe a população pra dentro da nossa unidade. Porque nós nada mais somos do que produtos da sociedade né. Todo mundo que faz parte hoje do BOpE, um dia foi da sociedade e a gente faz o quê?... só presta segurança pública e fazemos um serviço específico. Temos um treinamento especial, não é nada mais. Mas, também fazemos parte da sociedade.

Para o professor Vladson, o Projeto Judô BOpE abranda a visão social de agressividade da tropa de elite da polícia militar, ainda mais quando o projeto é frequentado por crianças pobres e não pobres. Desse modo, observamos que o Projeto Judô BOpE possibilitou uma maior aproximação entre os policiais do BOpE e a comunidade.

O professor Adalberto comenta que com a hierarquia e a disciplina existente na prática do Judô, as crianças devem respeitar os mais graduados, independente de sua idade. Com estes mecanismos, as crianças, se muito ativas, podem ficar mais calmas/flexíveis, e se muito calmas, podem aprender a se controlar e ter liderança. Para que isso seja possível, o professor Adalberto discorre que são utilizadas algumas estratégias:

Então, no primeiro momento a gente cativa as crianças, a gente usa instrumentos lúdicos, brincadeiras lúdicas, fazendo ele gostar. Em segundo plano, depois que ele já tem o gosto, o hábito, aí você também ensina responsabilidade, o horário, porque você cobra: Ó, você tem que chegar tal horário, e você transmite isso pra eles, e eles passam para o pai: Ó tem que chegar tal horário, tem que chegar certo, se não eu vou ser chamado a atenção, se eu faltar, não vou passar de faixa. Então, usa alguns mecanismos para você interiorizar na criança termos de responsabilidade, hierarquia, comprometimento... e, depois que você, você consegue interiorizar isso neles, aí você cobra outras coisas. Ai entra a parte de judô, de luta. Ai você cobra aula, notas, comportamento na casa, então você tem como moldar o caráter da criança e do adolescente, porque..., porque o que eu observei nesses tempos e já devo ter entrevistado mais de 7000 pessoas aqui, é que... todas as pessoas buscam a mesma coisa: Eu quero que meu filho crie disciplina, que ele seja concentrado, que ele seja comportado.

Conforme a citação acima, notamos que o Projeto Judô BOpE fomenta a prática do esporte-participação através de suas estratégias de conquista dos alunos, ao oferecer as crianças atividades lúdicas e prazerosas, visando construir bons cidadãos.

O professor Adalberto chama a atenção para a falta de referência familiar das crianças diante das diferentes composições de família. Segundo ele, até mesmo o professor da educação básica escolar tem perdido a referência para seus alunos, tornando a escola um mero transmissor de conhecimentos técnicos. Por isso, ele observa que o Judô pode ser uma referência positiva para as crianças porque:

[...] o professor, o sensei, é uma referência positiva. Então a gente cobra o que a gente faz. A gente não bebe, a gente não fuma, a gente não faz coisa

errada, a gente anda com o kimono limpo, pra gente transmitir esses conhecimentos para as crianças. E, aí, a gente tem influência maior do que o pai e a mãe, por que eles convivem mais com a gente. Então, aqui tem um médico, um engenheiro, um militar, tem um dentista, tem advogado...e eles olham que... as pessoas que treinam o Judô, as pessoas que são faixa preta, são vencedoras, são pessoas boas. E esse é o “X” da questão. A gente transmite conhecimentos e transmite referências positivas para as crianças. Aí a gente não está aqui só para fazer campeões, a gente vende valores, não medalhas. Vendemos: respeito, coragem, disciplina, espírito de corpo, cooperação... essas coisas.

Nesse ponto de vista, o professor Adalberto destaca a importância do seu professor de Judô na sua formação quando da prática deste esporte. Ele afirma que, “nesse processo, eu tenho absoluta certeza que, quando você é bem orientado, o esporte modifica o perfil e a construção da pessoa. Então, nesse sentido, que a gente criou o projeto, pra ajudar a construir bons cidadãos”. Essa fala do professor Adalberto é condizente com o que Ferreira (2007) e Bickel, Marques & Santos (2012) comentam sobre a questão das crianças sofrerem influências (positivas ou negativas) em relação ao ambiente e as pessoas que as rodeiam.

O professor Adalberto lembra que todas as implementações e construções para o desenvolvimento do Projeto Judô BOpE foi realizado pela sociedade organizada e, o fato do Projeto não ter custo para os praticantes, ele afirma que há dificuldades para manutenção e continuidade das atividades. Segundo o professor Vladson, a polícia militar apenas cede o lugar para o treino das crianças. Por essas dificuldades, as crianças devem valorizar as atividades do Projeto Judô BOpE, seguir as orientações dadas pelos professores e manter um bom desempenho escolar, através de boletins, para que se possa continuar participando do mesmo.

Outra dificuldade, referenciada pelo professor Adalberto, é a falta de incentivo/recursos para que os alunos possam participar de campeonatos em outras localidades, pois quem treina quer competir. Para Bickel, Marques & Santos (2012), devemos ensinar que a competição é saudável, mas que também é importante ajudar o outro a ser habilidoso e que, juntos, possam ser melhores. Nesse sentido, o professor Adalberto assevera que quando se treina:

Treina para competir, treina para estimular... e a competição também é um processo de aprendizado, porque até lá, você aprende a controlar seus traumas, aprende a perder, aprende a ganhar, aprende a construir um melhor aspecto psicológico, numa situação de dificuldade... então, a competição também é um processo de aprendizado da criança, e faz a importância. A dificuldade que eu tenho, as vezes, é isso aí. Não tem

recursos pra subsidiar as vezes, quem não tem condições de fazer. E aí quem tem condições participam.

Apesar de nem todos os alunos terem condições de participarem de alguns campeonatos e, considerando a rotatividade dos alunos no Projeto Judô BOpE, o professor Vladson afirma que sempre há um número expressivo de judocas que participam de competições. Neste ponto, percebemos que há incentivo na parte da competição em que, as crianças que tem recursos para ir aos campeonatos de judô ou que se mostram mais habilidosas, participam. Nesse sentido, compreendemos que o Projeto Judô BOpE também promove o esporte-rendimento.

Além disso, o professor Adalberto discorre quanto ao alcance do Projeto Judô BOpE que, a princípio, era um projeto do BOpE, depois virou da polícia e do Estado e agora tem alcance nacional. Segundo ele, a CBJ (Confederação Brasileira de Judô) quer comprar este Projeto para implementá-lo em outras localidades, mas, por enquanto eles não possuem recursos específicos para isso.

### 3.2 Perfil das crianças atendidas pelo Projeto Judô BOpE

Os pais e/ou responsáveis dos alunos foram abordados pelo entrevistador enquanto os seus filhos estavam realizando uma aula do Projeto Judô BOpE no mês de novembro de 2016. No quadro a seguir caracterizamos o perfil dos alunos, conforme os pais e/ou responsáveis em que utilizamos a seguinte letra e numerações para representá-los: P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7.

**Quadro 1. Perfil das crianças participantes do Projeto Judô BOpE**

PAIS	IDADE DOS FILHOS	TEMPO DE PROJETO	BAIRRO ONDE MORA
P <sub>1</sub>	7 anos	8 meses	Novo Paraíso I
P <sub>2</sub>	6 anos	6 meses	Jardim Florianópolis
P <sub>3</sub>	6 anos	6 meses	Novo Horizonte
P <sub>4</sub>	7 anos	3 meses	Jardim Vitória
P <sub>5</sub>	9 anos	5 meses	Ouro Fino
P <sub>6</sub>	12 anos	2 meses	Três Barras
P <sub>7</sub>	9 anos 6 anos	1 ano e 3 meses	Jardim Universitário

Fonte: Entrevista com os pais e/ou responsáveis (2016)

Como podemos observar no quadro 1, a maioria dos alunos que participam do Projeto Judô BOpE moram em bairros circunvizinhos ao BOpE, apenas os filhos do P7, policial militar, não moram nessa região. Além disso, as crianças possuem idade maior ou igual a seis anos e menor ou igual a doze anos. A média do tempo de participação dessas crianças no Projeto é cerca de seis meses e meio. O Projeto atende, pois, crianças da comunidade da região em que se situa o BOpE.

### **3.3 O Projeto Judô BOpE segundo os pais e/ou responsáveis**

Direcionamos, agora, para as questões respondidas pelos pais e/ou responsáveis sobre como tomaram conhecimento do Projeto Judô BOpE, se houve mudanças no comportamento/formação das crianças após a participação destas no Projeto e como eles avaliam o desenvolvimento do Projeto.

De acordo com os pais e/ou responsáveis, eles ficaram sabendo da existência do Projeto Judô BOpE a partir de informações repassadas por vizinhos, parentes militares e/ou através de notícias divulgadas em redes de comunicação. De acordo com P1 “A minha prima que é militar, daí ela também me falou, daí vim aqui, procurei né. Eu cadastrei ele no projeto”. P2 comenta: “Olha, eu tenho uma prima que faz. Aqui... a Luana, ela faz desde ... os seis anos também”. De acordo com P3, “O projeto já tinha visto na televisão, na Centro América”. Segundo P4 e P5, o conhecimento do Projeto se deu, respectivamente, conforme apresentamos nas seguinte falas:

Do projeto... então, meu esposo, ali próximo da nossa casa, ele foi no mercado. Ai a moça informou que estava tendo esse projeto aqui. Não deu certeza. Mas: Oh! Parece que tem um projeto lá dentro do BOpE de judô pra criança da idade dele. Vai lá conversa, vê se realmente tem esse projeto, se existe, já ouvi falar. Ai meu marido veio procurar saber. Procurar saber que documentos que precisavam. Ai veio e trouxe, comprou o kimono, e começou, desde então. (P4).

Na verdade, faz tempo que ouvi falar. Ai eu enrolei... enrolei. Desde o começo do ano ele me cobrando: mãe, mãe, mãe. Quando foi um dia, eu resolvi passar aqui e perguntei. Ai vim. Ai nós assistimos aula, ficamos no calorão... assistindo. Ai foi que o sensei disse: que pode trazer o kimono que daí ele podia participar. E ele tá participando. (P5).

De acordo com P6, o filho ficou sabendo do Projeto Judô BOpE através de uma colega que estuda no colégio militar Tiradentes e a mesma participa do Projeto.



O P7 relata que, pelo fato de ser policial militar, também já tinha conhecimento do Projeto Judô BOpE muito antes das crianças terem idade para participar das atividades oferecidas pelo mesmo.

Quanto mudanças proporcionadas pelo Projeto na formação/comportamento das crianças, a maioria dos pais indicam aspectos relacionados à disciplina (P2, P3, P5 e P7), a coordenação motora (P3), superação da timidez que tem refletido no processo de aprendizagem da leitura em sala de aula (P1), outros pais ainda apontam aspectos como motivação, interesse por esporte, ansiedade quanto as expectativas de mudança de faixa, conforme destacamos nas seguintes falas dos pais e/ou responsáveis a seguir:

Comportamento. Ele fica quietinho. Ele participa. Ele fica motivado. Ele tá assim muito... falo: ansioso pra mudar de faixa. Então assim... uma coisa que eu presto atenção aqui nele é... presta atenção nas aulas, não faz bagunça, nunca vi o sensei chamando a atenção dele. É uma coisa que eu gosto muito que ele venha. Exercício ... pra ele praticar. É... pega, como se diz, ele fica uma criança obediente assim quando a gente fala com ele, obedece o sensei. Ele obedece. Calmo. Calmo. É um projeto muito bom para as crianças. (P4).

Em alguns momentos eles tão: Ai que legal! Tô fazendo!... Quando tem alguma competição, vão participar, ficam naquela ansiedade. Quando fala na mudança de faixa que tá galgando alguma coisa por meio do seu esforço, fica aquela excitação... Em alguns momentos também é completamente oposto: Não quero ir! Não gosto! Não quero! Mais você tem que... disciplina, né. A essência disso aqui é disciplina né. (P7).

A respeito do andamento do Projeto Judô BOpE, isto é, quanto a avaliação dos pais e/ou responsáveis sobre o desenvolvimento do Projeto, todos apontam apenas aspectos positivos do Projeto:

Tem, porque ....se não for... assim ... pra mim... é muito bom né, por que ele desenvolveu, ele chega no dia ele quer vim, que ele gosta né, é porque o sonho dele também é ser polícia né, daí ainda vem o projeto onde que é só polícia daí ele fica muito contente de vir aqui participar do projeto. (P1)

Eu avalio como muito ótimo. É satisfatório. (P2).

Excelente. Excelente. Aqui é excelência. É muito bom. Pelo menos no meu ponto de vista é muito bom. (P3)

Bom, satisfatório, muito gratificante. Igual eu estava conversando com a outra mãe aqui também. É... um projeto assim que... como se a gente estivesse pagando. Assim, é uma...uma qualidade né. Uma qualidade ótima. (P4)

Olha: muito bom. Muito bom mesmo. Assim... quero também agradecer muito eles por se propor a fazer isso, porque, assim...eles não tem... como se diz... não tem medo, receio, de ensinar tudo o que eles sabem, do que eles ensinam. Assim, eu dou nota 2000 pra eles. Muito muito bom. (P5)

É muito bom. Muito sério. (P6)

Assim... É muito amplo isso aí. É louvável e parabenizável a atitude de todos os senseis, são voluntários. Os resultados que eles apresentam, comparado com aquilo que eles recebem de aporte... aporte estatal, é excepcional, porque não tem aporte nenhum. Apoio... o que tem hoje é conseguido na base do amor..., boa vontade. Os senseis ... são professores aqui são... voluntários, não tem salários, não recebem nada. Estão aqui porque querem, porque gostam. Então assim é... o que eles conseguem de resultado, pelo o que eles tem de suporte por trás... assim... nota dez, né. (P7)

Portanto, notamos que os pais e/ou responsáveis avaliam como boa as atividades e desenvolvimento do Projeto Judô BOpE, demonstrando sentimentos de gratidão pela dedicação de seus profissionais e ainda admiração pela qualidade das atividades ofertadas e resultados alcançados pelo Projeto, tendo em vista a dificuldade para a obtenção de recursos de modo a dar continuidade e manutenção do mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos nessas considerações alguns pontos abordados neste estudo, destacando que a pesquisa teve como objetivo descrever as contribuições do Projeto Judô BOpE da PMMT na formação e socialização de crianças carentes de Cuiabá/MT durante o ano de 2016.

Para isso, no primeiro capítulo, abordamos no referencial teórico as dimensões sociais do esporte e a função social da polícia que nos permitiram compreender o problema da pesquisa: Quais as contribuições do Projeto Judô BOpE da PMMT na formação de crianças carentes e na socialização destas?

Visando responder a esta questão, a pesquisa se baseou num estudo qualitativo em que realizamos um estudo de caso, haja visto que analisamos as falas de professores e pais e/ou responsáveis de crianças atendidas em um projeto social esportivo desenvolvido e ministrado pela Polícia Militar do Estado do Mato Grosso: o Projeto Judô BOpE.

As falas dos professores entrevistados, Adalberto e Vladson, revelam que as atividades desenvolvidas e ministradas pela polícia tem contribuído na formação e socialização das crianças atendidas uma vez que há uma doutrina comunicada com a prática do Judô, tais como respeito, hierarquia entre os graduados, cooperação, disciplina e assiduidade. Através das falas dos pais e/ou responsáveis vimos que eles ainda destacaram a motivação, o entusiasmo, o autocontrole, a superação da timidez, entre outros aspectos que as crianças tem adquirido após a participação no Projeto Judô BOpE.

O Projeto Judô BOpE também tem sido uma referência positiva na vida das crianças, contribuindo assim, na formação das mesmas. Pois, os profissionais integrantes do Projeto são pessoas de boa integridade moral e ainda sucedidas, considerando que, muitas das crianças participantes do Projeto não possuem uma família sólida.

Outro fator apontado pelos professores é que o Projeto Judô BOpE tem proporcionado as crianças pobres interagirem com crianças não pobres, isto é, a conviver com crianças de diversas classes, religiões, etc. o que tem contribuído para a formação e socialização das mesmas.

Além disso, o Projeto Judô BOpE contribue para a formação das crianças por proporcionar a participação em campeonatos estaduais e nacionais de Judô em que

as crianças que possuem recursos financeiros ou aquelas que se destacam no esporte, esforços são dispendidos para que elas tenham a oportunidade de viajar e conhecer pessoas de costumes e culturas diferentes, refletindo sobre o modo destas crianças ver o mundo. Nesse sentido, o Projeto Judô BOpE tem incentivado o esporte-rendimento entre crianças pobres e não pobres.

Pelas entrevistas, tanto dos professores quanto dos pais e/ou responsáveis, observamos que o Projeto Judô BOpE tem proporcionado atividades esportivas lúdicas e prazerosas as crianças das famílias dos policiais e da comunidade circunvizinhas, isto é, o esporte-participação, conforme denominado por Tubino (2011). Dessa forma, o Projeto Judô BOpE tem democratizado o acesso da comunidade local ao esporte, proporcionando o reconhecimento social da polícia e a formação social, educacional e do caráter das crianças.

## BIBLIOGRAFIA

ANTONIO, Beatriz de Araújo; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. **Reflexão: a importância do esporte na vida de crianças carentes**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 177, Febrero de 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd177/esporte-na-vida-de-criancas-carentes.htm>. Acesso em: 20/6/2016.

BALESTRERI, Ricardo Brisola. **Direitos Humanos: Coisa de Polícia** – Passo Fundo – RS, CAPEC, Paster Editora, 1998.

BALIEIRO, Almir. **Dos homens do mato aos homens e mulheres da cidade**: por uma escrita dentro da nova história sobre a trajetória da polícia militar em mato grosso. Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do ICHS/UFMT. Revista Territórios e Fronteiras V.2 N.2 – Jul/Dez 2009.

BICKEL, Éderson Alexandro; MARQUES, Márcio Geller; SANTOS, Geraldine Alves dos. **Esporte e Sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 171, agosto de 2012.

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Polícias militares têm origem no século 19**. Publicação: 25/11/2013. Disponível em: [www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/25/policiais-militares-tem-origem-nos-seculo-19/](http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/11/25/policiais-militares-tem-origem-nos-seculo-19/). Acesso em: 13/12/2016.

CARVALHO, Vilobaldo Adelídio; FÁTIMA E SILVA, Maria do Rosário de. **Política de segurança pública no Brasil**: avanços, limites e desafios. R. Katál., Florianópolis, v. 14, n.1, p.59-67, jan/jun. 2011.

FERREIRA, Ana Cláudia De Azevedo. **A prática do esporte como prevenção ao vandalismo e formação para cidadania**. TCC (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância. Brasília, 2007.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**: Explicação das Normas da ABNT. Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 31/7/2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MATO GROSSO. **Jiu Jitsu Rotam oferece aulas gratuitas para crianças.**

Publicação: 25/09/2015. Disponível em: [www.mt.gov.br/-/jiu-jitsu-rotam-oferece-aulas-gratuitas-para-criancas](http://www.mt.gov.br/-/jiu-jitsu-rotam-oferece-aulas-gratuitas-para-criancas) .Acesso em: 25/11/2016.

MAINARDI, Diva Maria Oliveira. **A formação da mulher para se tornar policial militar em Mato Grosso.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2009.

MATO GROSSO. POLÍCIA MILITAR DE MATO GROSSO. **Cronologia histórica relevante.** Publicação: [201?]. Disponível em: [www.pm.mt.gov.br/cronologia-historica-oficial](http://www.pm.mt.gov.br/cronologia-historica-oficial) . Acesso em: 15/12/2016

OLIVEIRA, Ana Amélia Neri. **O esporte como instrumento de inclusão social: um estudo na Vila Olímpica do Conjunto Ceará.** Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Educação à Distância. Fortaleza, 2007.

**Projeto de judô do BOPE completa cinco anos de atividades com crianças e adolescentes.** Site Olhar Direto. Publicação: 11/10/2015. Disponível em: [www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=projeto-de-judo-do-bope-completa-cinco-anos-de-atividades-com-criancas-e-adolescentes&id=408485](http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=projeto-de-judo-do-bope-completa-cinco-anos-de-atividades-com-criancas-e-adolescentes&id=408485).

Acesso em: 25/11/2016.

SANTOS, José Vicente Tavares. **A arma e a flor: formação da organização policial, consenso e violência.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP. São Paulo, 9(1): 155-167, maio de 1997.

STAREPRAVO, Fernando Augusto; MEZZADRI, Fernando Marinho. **Esporte, Relações Sociais e Violências.** *Motriz, Rio Claro, v.9, n.1, p. 59- 63, jan./abr. 2003.*

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** 3ª edição. Vol. 25. São Paulo: Cortez, 2011.

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores.** Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, n.2, p.285-96, abr./jun. 2011.

## **ANEXOS**

### **ROTEIRO DE QUESTÕES DA ENTREVISTA COM PROFESSORES DO PROJETO JUDO BOPE:**

- 1) Qual o seu nome? Qual o nome do programa social esportivo que ministra? Quem são as pessoas que integram o projeto?
- 2) Como o programa foi idealizado?
- 3) Quando iniciou o programa?
- 4) Em que local o programa é realizado?
- 5) Em que horário são ministradas as aulas?
- 6) O programa social teve boa aceitação por parte da comunidade? Quem são as crianças atendidas?
- 7) Como são desenvolvidas as aulas? Que atividades são propostas aos crianças?
- 8) É realizada a avaliação das crianças participantes do programa? E, como é feita?
- 9) Como é a relação social entre os policiais que participam do projeto e a família das crianças atendidas no programa? Os pais estão presentes nas atividades oferecidas pelo programa?
- 10) Houve melhorias na formação e socialização de crianças atendidas a partir da participação no programa? E no rendimento escolar dos alunos? Quais?
- 11) Como você avalia o desenvolvimento do programa? Qual a importância de se estabelecer o vínculo entre a polícia e a comunidade através de programas deste tipo?
- 12) Quando iniciou o programa houve dificuldades para a sua implementação? Quais dificuldades? E, como está hoje? O que precisa ainda melhorar para a boa execução do programa?

### **ROTEIRO DE QUESTÕES DA ENTREVISTA COM PAIS E/OU RESPONSÁVEIS DOS ALUNOS PARTICIPANTES DO PROJETO JUDO BOPE:**

- 1) Qual o nome do senhor(a)? Qual o nome do seu filho?
- 2) Qual a idade do seu filho? Quanto tempo ele participa do programa?

- 3) Em qual bairro o(a) senhor(a) mora?
- 4) Como o(a) senhor(a) ficou sabendo do programa?
- 5) Percebeu alguma mudança comportamental do(a) filho(a) senhor(a) após a participação no programa? Quais mudanças? E no rendimento escolar?
- 6) Como o(a) senhor(a) avalia o desenvolvimento do programa?

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS  
PELO ALUNO PARTICIPANTE DO PROJETO JUDÔ BOPE:**

**ENTREVISTADOR/ ENTREVISTADO 1:**

Qual a idade do seu filho? 7 anos. A quanto tempo o seu filho participa do projeto? 8 meses. O senhor percebeu alguma mudança no comportamento dele? Sim, por que ele é... bem tímido né. Daí agora ele já está mais assim... conversa, ele é tímido até pra fazer amizade assim..., mas, depois que ele começou a fazer aqui, ele já desenvolveu bastante. Até na escola, assim... já tá querendo mais já tá lendo né, ele era tímido até pra ler lá com a professora, agora, até a professora dele já notou o desenvolvimento dele nesse trabalho. O senhor conheceu o projeto a partir de quem? A minha prima que é militar, daí ela também me falou, daí vim aqui, procurei né. Eu cadastrei ele no projeto. O que precisou para cadastrar? Precisou fazer exame que ele pode fazer educação física né. Daí... os documentos pessoais, meu e dele. Vocês moram em qual bairro? Novo Paraíso I. Como o senhor avalia o desenvolvimento do projeto? Tem sido bom? Tem, porque ....se não for... assim ... pra mim... é muito bom né, por que ele desenvolveu, ele chega no dia ele quer vim, que ele gosta né, é porque o sonho dele também é ser polícia né, daí ainda vem o projeto onde que é só polícia daí ele fica muito contente de vir aqui participar do projeto. O senhor vem sempre acompanhar ele? Vem. Tem de trazer todos os dias quando tem as aulas né. Trago ele, pra ele... fazer. O nome do senhor? Tiago. E do seu filho? Kenner.

**ENTREVISTADOR/ENTREVISTADO 2**



Qual o nome da filha da senhora? Geovani. A senhora mora em qual bairro? Jardim Florianópolis. Qual a idade do seu filho? 6 anos. Quanto tempo que ele frequenta aqui o projeto? Olha, ele tá com uns...foi...junho que ele fez aniversário ..., então ... seis meses né? (perguntou para o pai). Seis meses. Como a senhora avalia o comportamento dele após o projeto? Em casa, na escola ...? Olha..., ajudou bastante no comportamento, na disciplina né, no sensei, ajudou bastante né. É? Então, influencia bastante né. E., como a senhora avalia o desenvolvimento do projeto? Como tem sido? É satisfatório? Eu avalio como muito ótimo. É satisfatório. Era o que vocês esperavam? É. Como a senhora tomou conhecimento do projeto? Olha, eu tenho uma prima que faz. Aqui... a Luana, ela faz desde ... os seis anos também. Ai ... E ela tem quantos anos? Hoje ela está com 10 pra 11 anos. Tem 4 anos que ela está no projeto já? Isso. Aí assim ela vem com um bom desenvolvimento, disciplina, tanto no corpo quanto ...é ..., assim na disciplina dela mesmo, ela já foi pra campeonato. Agora mesmo ela tá indo pro brasileirão. O pai dela é..., trabalha aqui também no.. Projeto? (gesto de positivo). É policial. Então, através deles né. Ai ele me trouxe pra...colocar meu filho. Mas assim... é o que a gente esperava, através dela também foi um grande desenvolvimento e aí a gente trouxemos ele, e se sentimos satisfeito. Qual o nome da senhora? Jéssica. E do senhor (pai)? Cleber. Obrigado.

### **ENTREVISTADOR/ENTREVISTADO 3**

Qual o nome do senhor? Gilberto. O senhor mora em qual bairro? Novo Horizonte. O nome do seu filho? Ele é meu neto. Neto. Gilberto Neto. Quantos anos que ele tem? Seis. Quanto tempo que ele tem aqui no projeto? Seis meses. É... O senhor já percebeu alguma melhoria no comportamento dele em casa, na escola...? Não. É assim... bem melhor o desenvolvimento, coordenação motora, é... mais disciplina. Até mesmo porque eles puxam bastante, como ele comportar no dia dia em casa. Sim, as atividades são prazerosas pra ele. Ele gosta de fazer? Gosta. Todo dia ele me espera porque até mesmo eu saio do serviço as seis horas, ele está pronto em casa pra trazer ele pra cá. Como o senhor ficou sabendo do projeto? O projeto já tinha visto na televisão, na Centro América. Ah! O senhor viu pela TV. E... só como eu trabalho ali num posto .... e, um sensei, que o Gilmar, já é conhecido. Ai eu perguntei pra ele. Ele falou: não eu tô dando aula ali. Eu falei olha: como o meu neto

já fazia judô em Colider, e tava aqui em Cuiabá, falei então o seguinte: tem como? Ele falo: não, pode levar lá. Tem kimono? Tudo bem. Tá dando certo. **Ai esse kimono o senhor que providenciou?** Não, a gente tem kimono. Faixa, tudo, a gente já tinha tudo. Até mesmo porque ele fazia lá em Colider era pago. Era particular. Aqui não. O projeto tem... pelo menos kimono, essas coisas, tem que entrar. **É mais assim... tem custo nenhum?** Não. Aqui não tem nada. **É 100% gratuito?** Aqui tudo gratuito. Tem nada de custo. **E qual que é a análise do senhor do projeto? Importância?** Excelente. Excelente. Aqui é excelência. É muito bom. Pelo menos no meu ponto de vista é muito bom. **Muito obrigado pela entrevista.**

#### **ENTREVISTADOR/ENTREVISTADO 4**

**Qual é o nome da senhora?** Danielly. **Quantos anos tem o filho da senhora?** Sete. **Qual é o nome dele?** Vitor Daniel. **Quanto tempo que ele participa do projeto?** Aqui, acho que vai fazer uns 3 meses mais ou menos. **E... o que a senhora percebeu de mudança no comportamento dele?** Comportamento. Ele fica quietinho. Ele participa. Ele fica motivado. Ele tá assim muito... falo: ansioso pra mudar de faixa. Então assim... uma coisa que eu presto atenção aqui nele é... presta atenção nas aulas, não faz bagunça, nunca vi o sensei chamando a atenção dele. É uma coisa que eu gosto muito que ele venha. Exercício ... pra ele praticar. É... pega, como se diz, ele fica uma criança obediente assim quando a gente fala com ele, obedece o sensei. Ele obedece. Calmo. Calmo. É um projeto muito bom para as crianças. **A senhora mora em qual bairro?** Eu moro aqui no Jardim Vitória. **Como a senhora ficou sabendo do projeto?** Do projeto... então, meu esposo, ali próximo da nossa casa, ele foi no mercado. Ai a moça informou que estava tendo esse projeto aqui. Não deu certeza. Mas: Oh! Parece que tem um projeto lá dentro do BOpE de judô pra criança da idade dele. Vai lá conversa, vê se realmente tem esse projeto, se existe, já ouvi falar. Ai meu marido veio procurar saber. Procurar saber que documentos que precisavam. Ai veio e trouxe, comprou o kimono, e começou, desde então. **Ai, o projeto é quarta e sexta?** Segunda, quarta e sexta. Das seis e meia às oito. **Como a senhora avalia o projeto? É bom, é satisfatório?** Bom, satisfatório, muito gratificante. Igual eu estava conversando com a outra mãe aqui também. É... um projeto assim que... como se a gente estivesse pagando. Assim, é uma...uma qualidade né. Uma qualidade ótima. **Muito obrigado.**

### **ENTREVISTADOR/ENTREVISTADO 5**

Qual é o nome da senhora? Creliane. Creliane? Isso. E...o filho da senhora tem quantos anos? Nove anos. Ele participa do projeto desde quando? Desde agosto. Não. Desde junho. A senhora mora em qual bairro? Ouro fino. Conheceu o projeto como? Na verdade, faz tempo que ouvi falar. Ai eu enrolei... enrolei. Desde o começo do ano ele me cobrando: mãe, mãe, mãe. Quando foi um dia eu resolvi passar aqui e perguntei. Ai vim. Ai nós assistimos aula, ficamos no calorão... assistindo. Ai foi que o sensei disse: que pode trazer o kimono que daí ele podia participar. E ele tá participando. Como é o nome dele (filho)? David Gabriel. E o comportamento dele após a participação no projeto? Na escola. Disciplina. E qual a avaliação que a senhora faz desse projeto? Olha: muito bom. Muito bom mesmo. Assim... quero também agradecer muito eles por se propor a fazer isso, porque, assim...eles não tem... como se diz... não tem medo, receio, de ensinar tudo o que eles sabem, do que eles ensinam. Assim, eu dou nota 2000 pra eles. Muito muito bom. Muito obrigado.

### **ENTREVISTADOR/ENTREVISTADO 6**

Qual é o nome do senhor? Sebastião. O filho do senhor tem quantos anos? Doze anos. E qual o tempo aqui de projeto? Dois meses. Qual é o nome dele? Anderson. O senhor já percebeu alguma melhoria no comportamento dele? Sem dúvidas. Quais melhorias? Até a forma de comportar, de falar, de interessar pelo esporte também mais, né... Se interessa mais, né. Ele gosta de esportes? Fala sobre esportes mais, agora. Como o senhor conheceu o projeto? Ah...Ele estuda lá no Tiradentes e a colega dele fazia, falou pra ele. A gente veio aqui. Aí se informou. Qual é a imagem que o senhor tem do projeto? É muito bom. Muito sério. Qual bairro o senhor mora? Três Barras. Somente isso. Obrigado.

### **ENTREVISTADOR/ENTREVISTADO 7**

Qual o nome do senhor? Renato. O filho do senhor tem quantos anos? Eu tenho um de nove e um de seis. Qual o nome deles? O mais velho é Gabriel, o de nove, e o

mais novo, Mateus, o de seis. **Como que o senhor ficou sabendo do projeto?** Eu sou policial militar, então eu já tinha conhecimento desse projeto aqui, muito antes dos meus filhos terem idade de estar podendo fazer. Já sabia. Eu conhecia o projeto já. **Entendi.** Porque eu sou policial militar. **O senhor mora aqui no bairro?** Não. Eu moro no Jardim Universitário. **As crianças têm quanto tempo no projeto?** Um ano e três meses. **Ambos entram na mesma época?** Sim. Entraram na mesma época. Finalzinho do ano... mais ou menos outubro do ano passado... setembro. Um ano e dois meses mais ou menos. **O senhor percebeu diferença antes do projeto e depois do projeto no comportamento deles?** Diferença... em quê exatamente? **Não, se houve alguma..mudança de hábito, por exemplo? Antes do projeto eles tinham alguns hábitos...interesses... rendimento na escola? O senhor percebeu alguma mudança?** Honestamente não. Pra falar assim... Ah!, porque tal diferença por que entrou aqui no projeto. De forma. Não. **E como iniciou no esporte? O interesse no esporte ou se desde o início já... já tinham o interesse de fazer o Judô? Por que tem outras atividades esportivas.** Sim. Toda criança nessa faixa etária o futebol é o grande chamariz né. Assim o judô, assim ..., foi por iniciativa... não porque: eu quero fazer judô! Foi uma iniciativa minha e da minha esposa de trazer eles e fazer. Em alguns momentos eles tão: Ai que legal! Tô fazendo!... Quando tem alguma competição, vão participar, ficam naquela ansiedade. Quando fala na mudança de faixa que tá galgando alguma coisa por meio do seu esforço, fica aquela excitação... Em alguns momentos também é completamente oposto: Não quero ir! Não gosto! Não quero! Mais você tem que... disciplina, né. A essência disso aqui é disciplina né. **Correto. Agora, só uma abordagem do senhor, para com o projeto. O que o senhor acha do projeto? Sobre que aspecto? Como o senhor avalia o projeto? Se está sendo bem feito? Se tem trazido resultados? Se é aquilo que o senhor esperava?** Assim, fazer um... **Tipo um balanço geral?** Assim... É muito amplo isso aí. É louvável e parabenizável a atitude de todos os senseis, são voluntários. Os resultados que eles apresentam, comparado com aquilo que eles recebem de aporte... aporte estatal, é excepcional, porque não tem aporte nenhum. Apoio... o que tem hoje é conseguido na base do amor..., boa vontade. Os senseis ... são professores aqui são... voluntários, não tem salários, não recebem nada. Estão aqui porque querem, porque gostam. Então assim é... o que eles conseguem de resultado, pelo o que eles tem de suporte por trás... assim... nota dez, né. **Com certeza. Entendi. Muito Obrigado.**

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PROFESSORES DO PROJETO JUDÔ

BOPE:

### ENTREVISTADOR/PROFESSOR ADALBERTO

Estou gravando aqui a entrevista. Seu nome Adalberto? Adalberto Correa Junior. E, esse nome, Judô do Bope, você tirou... foi... você que...? Primeiro Judô, porque é o esporte onde a gente dá preferência maior né. Segundo BOpE, por ser a instituição onde a gente faz parte, né. Como sou policial aqui do BOpE a vinte anos e, em princípio, era o seguinte... nós criamos uma área pra gente treinar lutas, porque nossos objetivos são: operar, dar instrução e treinar. Então a gente queria ter um espaço de treinamento pra gente poder treinar técnicas de táticas de abordagens... defesa pessoal, imobilização táticas, voltadas para a tropa. Em segundo plano, pra otimizar este espaço, usar para atender os filhos dos policiais e as crianças da circunscrição, né. Então, em cinco de outubro de 2010, foi criado no BOpE a seção de instruções especializadas e, dentro da seção especializada, uma seção de projetos, né.. pra atender o Judô BOpE, para usar o espaço para atender as pessoas da circunscrição. Entendi. As pessoas que integram... o projeto? Então, como falei pra você, em princípio, no começo, eram cerca de vinte crianças, a maioria filho de policiais e crianças da circunscrição aqui de perto. Atualmente, atende cerca de 350 e 360 crianças, e são de todas as localidades. No começo tinha bastante crianças com poder aquisitivo menor. Hoje em dia tem crianças que vem do Florais, do Belvedere... Então a gente realmente faz uma interação. Existe diferenças sociais, mas essa é a verdadeira integração social, onde crianças de poder aquisitivo menor ...convivem com outras crianças e tem o mesmo tratamento. O objetivo principal continua sendo usar o esporte como instrumento de doutrina, educação e capacitação. Eu penso que como educador físico você pode usar o esporte como instrumento de educação, porque o judô além de uma arte marcial é: uma doutrina, uma filosofia e tem hierarquia e tem disciplina, tem... você ensina as crianças cooperação, atividades psicomotoras, integração. E se a criança não se tornar um atleta, ele vai se tornar uma pessoa responsável, bom cidadão, porque ele vai aprender ter cooperação, responsabilidade, essas coisas... Entendi. As aulas são ministradas nas segunda, quarta e sexta das 18:30 às 20 horas, né? Sim. Mas, quando começou também eram esses horários? No começo, tinham aulas a tarde e,

posteriormente, para não chocar com as nossas atribuições, a gente resolveu fazer no período noturno, que é fora do expediente nosso, né. **A aceitação da população veio...quando vocês sentiram assim...que o projeto tinha tomado... tomado?** Então..., foi um processo gradativo, né. Em princípio, as crianças não tinham, como falei pra você, não tinha kimono, não tinha o judogui. Eu procurei muitos amigos meus da iniciativa privada e até a maioria dos voluntários que são ai... são todas..., todas as pessoas que são voluntários, são pessoas da sociedade, tem médico, engenheiro, médico veterinário..., foi um processo gradativo. Construimos através das informações de uma pessoa pra outra, porque a gente nunca fez propaganda né, e aí o que aconteceu: as crianças foram melhorando, propagandas de boca em boca, e aí foi aumentando o tamanho, foi aumentando o volume... No começo era um tatame de 6mX6m. Hoje, nós temos cerca de 340m<sup>2</sup>. Tem dois tatames de 17 por 10. E se tivesse maior, ainda tinha espaço pra mais gente. **Pra mais crianças?** Todo dia vem cerca de 10 a 15 pessoas atrás. **E aí não tem mais como incluir porque não tem espaço.** É, não tem espaço físico. **Aí assim... as aulas são desenvolvidas a partir da..., por exemplo, a criança chega cru, sem saber nada.** Hum Rum. **Ai ela fica naquela... na primeira...** primeira parte. As vezes fazem atividades juntos, no começo, porque, basicamente não importa...o judô você pode praticar de 4 a 100 anos, então, tipo assim...tem exercícios que são específicos, né, pra determinadas faixas etárias. Mas, tem exercícios que podem ser praticados por todos né. As vezes atividades aeróbios, anaeróbios, corridas, alongamentos. As vezes pode começar a aula todo mundo juntos e, depois, nas partes específicas, dividir as turmas. **A avaliação das crianças é feita na avaliação de faixas? Vocês tem algum...** A avaliação para os menores em princípio a gente vê por assiduidade, por desenvolvimento... e, como eles são pequenos, tem um período específico para cada graduação, então, a CBJ que é a Confederação Brasileira de Judô e a Federação Mato Grossense da qual a gente faz parte, tem determinados interstícios, então tipo assim... a seis meses ele vai graduar numa faixa. Ai mais seis meses pra outra... E os pequenos tem essa flexibilidade porque, pra não desestimular eles, né. **A relação entre os policiais que participam do projeto e as famílias das crianças atendidas. Como é a relação?** Em princípio, o pessoal aqui era meio... não é contra, mas era meio...**Tipo resistência.** É. Era meio empático a essa entrada de pessoas de fora aqui, porque como você sabe o Batalhão de Operações Especiais é o último recurso da polícia. Então, quase ninguém sabia quem era a gente. Sabia por

notícias o que a gente fazia né. Então, a princípio teve um certo receio, mas, posteriormente,...e a maior parte do... tem um monte de filhos de policiais que treinam aqui, foi tendo uma aceitação melhor. E também foi uma quebra de paradigma dentro da nossa unidade né, porque a gente trouxe a população pra dentro da nossa unidade. Porque nós nada mais somos do que produtos da sociedade né. Todo mundo que faz parte hoje do BOpE, um dia foi da sociedade e a gente faz o quê?... só presta segurança pública e fazemos um serviço específico. Temos um treinamento especial, não é nada mais. Mas, também fazemos parte da sociedade né. **Eu percebi o fato que os pais estão presentes nas atividades, não são todos, mas grande parte dos pais ficam assistindo os filhos né.** Em princípio, a maioria, os pais deixavam aqui e iam embora, mas posteriormente, a gente foi tendo mais espaço, tendo mais acomodações, ai atualmente, a maior parte fica assistindo. **Com relação a melhoria na formação das crianças. Essa pergunta era mais para os pais, mas você também tem condições de responder: você percebeu melhoria, a criança chega aqui meio rebelde ou então, ...?** Esse é um dos instrumentos que o Judô tem, porque, como tem hierarquia, as vezes, um garoto que é menor e mais graduado do que o maior, então o maior deve deferência ao outro. Então, essa é uma especificidade que tem no Judô. A hierarquia, disciplina, você tem que respeitar o mais graduado. Então a gente pode utilizar esse mecanismo para doutrinar as pessoas, se o guri é meio... é muito calmo, ele fica mais ativo. Ele aprender a controlar, ele aprende a ter liderança. Se o garoto é hiperativo, ele aprende a ser mais flexível, mais calmo. E a gente vai usando métodos pra fazer isso daí. Então, no primeiro momento a gente cativa as crianças, a gente usa instrumentos lúdicos, brincadeiras lúdicas, fazendo ele gostar. Em segundo plano, depois que ele já tem o gosto, o hábito, aí você também ensina responsabilidade, o horário, porque você cobra: Ó, você tem que chegar tal horário, e você transmite isso pra eles, e eles passam para o pai: Ó tem que chegar tal horário, tem que chegar certo, se não eu vou ser chamado a atenção, se eu faltar, não vou passar de faixa. Então, usa alguns mecanismos para você interiorizar na criança termos de responsabilidade, hierarquia, comprometimento... e, depois que você, você consegue interiorizar isso neles, aí você cobra outras coisas. Ai entra a parte de judô, de luta. Ai você cobra aula, notas, comportamento na casa, então você tem como moldar o caráter da criança e do adolescente, porque..., porque o que eu observei nesses tempos e já devo ter entrevistado mais de 7000 pessoas aqui, é que... todas as pessoas buscam



a mesma coisa: Eu quero que meu filho crie disciplina, que ele seja concentrado, que ele seja comportado. **Mas ele tem que dar o exemplo não é?** Mas aí que entra o que eu observei: hoje em dia as famílias são diferentes. Eu tenho 43 anos e no meu tempo era diferente. A minha criação foi feita de família homem e mulher, hoje em dia, eu atendo aqui mulher com mulher, mulher com homem, homem com homem, homem sem mulher, mulher sem marido. Então, é outro tipo de...de família. E a abordagem também é diferente, porque? Porque tanto as pessoas que tem poder aquisitivo alto, quanto as pessoas que tem o poder aquisitivo baixo, tem o mesmo problema. As crianças hoje em dia não tem referências. Quando eu era pequeno, eu entrava... eu ia pra escola. Eu tinha referência meu pai, minha mãe, o meu avô. As famílias eram mais presentes. **Sólida né.** Mais sólidas, mais presentes. Tinham... é... a gente entrava em forma, a gente cantava o hino nacional, tinha matérias como educação moral e cívica, ensino religioso... Hoje não tem mais isso. A melhor escola de Cuiabá ou de Mato Grosso é um mero transmissor de conhecimento técnico e nada mais. Então, os professores não são mais referências para as crianças. Os professores têm, até dependendo do tipo de escola, tem até dificuldades de dar a sua aula, porque eles não tem mais aquela autoridade. O professor não é mais uma referência. O professor só é um mero transmissor de conhecimentos ou sobrevivente, dependendo da escola que for. Então, o que eu observei: o judô, ele pode ser usado como referência, por quê? Porque os pais, a maior parte, tanto dos que têm condições e não, saem cedo e volta a noite. A criança cresce sem referência. Então, a criança fica, as vezes, em casa. Ou, as vezes, fica no video game. Outras vezes fica na TV. E os programas que passam hoje, todo mundo sabe, que não são referências positivas pra ninguém. Quando eles vêm pra cá, eles criam uma referência, porque o professor, o sensei, é uma referência positiva. Então a gente cobra o que a gente faz. A gente não bebe, a gente não fuma, a gente não faz coisa errada, a gente anda com o kimono limpo, pra gente transmitir esses conhecimentos para as crianças. E, aí, a gente tem influência maior do que o pai e a mãe, por que eles convivem mais com a gente. Então, aqui tem um médico, um engenheiro, um militar, tem um dentista, tem advogado...e eles olham que... as pessoas que treinam o Judô, as pessoas que são faixa preta, são vencedoras, são pessoas boas. E esse é o "X" da questão. A gente transmite conhecimentos e transmite referências positivas para as crianças. Aí a gente não está aqui só para fazer campeões, a gente vende valores, não medalhas. Vendemos: respeito,



coragem, disciplina, espírito de corpo, cooperação... essas coisas. **Perfeito. Sobre o rendimento escolar dos alunos, vocês tem alguma forma de ....?** Temos. De semestre em semestre a gente cobra as notas, por quê? Porque aqui é um projeto que não tem custo nenhum. Quem entra aqui não paga nada. É custo zero. Então a gente cobra na assiduidade, na disciplina, no rendimento escolar. Pra fazer parte, tem que ser um bolsista de uma escola privada ou escola pública, e de tempos em tempos a gente solicita os boletins pra ver o rendimento da criança. Se não estiver dando resultados, a gente afasta do judô. Como eles gostam, eles começam a melhorar. **Mas tem que ser bolsista de escola privada? Se pagar não pode fazer?** Geralmente eu dou preferência para bolsista né. Mas, tem algumas crianças que estudam em escolas particulares e tem outras crianças que por resultado no judô, ganharam bolsas em escolas particulares. **Que legal. Como avalia o desempenho do projeto? Você já respondeu né. Qual a importância de se estabelecer o vínculo entre a polícia e a comunidade, através do projeto? Quer falar mais alguma coisa a respeito disso.** Na verdade, a abertura aqui do batalhão pra comunidade é uma quebra de paradigma e um processo de informação para a sociedade, porque, as vezes, as pessoas tem ... um certo esteriótipo da gente e, quando vem aqui, vê que a gente é normal igual a eles, fazendo parte da sociedade. A gente tenta fazer o nosso melhor, apenas o nosso serviço que é diferente, e vendemos apenas segurança pública. Somos funcionários públicos que trabalhamos com segurança pública. Mas fazemos parte da comunidade. **Perfeito. A penultima pergunta. Quando iniciou o projeto houveram dificuldades para a implementação, você comentou isso, você consegue referir quais eram as dificuldades inicialmente?** As dificuldades continuam as mesmas, como a gente não tem custo nenhum, e não tem recurso de nada, todas as implementações, as construções, foram feitas através da comunidade, da sociedade organizada né. Então,... tem um amigo meu que quer doar 100 tijolos, então doa... então, continua a mesma. É um projeto que em princípio tinha um alcance aqui do Batalhão, depois virou da polícia. Agora virou do Estado e agora virou até nacional. A CBJ quer comprar esse projeto para implementar em outros locais do Brasil. Mas, até agora a gente ainda não tem recursos específicos para isso. E faz diferença, porque tem várias crianças de vários poderes aquisitivos, então...., por exemplo, nós temos de participar de quatro campeonatos estaduais. **E os que tem...?** Os que tem condições vão, os que não tem não vão, porque eu não tenho condições de... tipo assim, não é muita coisa, 50

reais. Mas, multiplica por 100 crianças. É bastante. **Cinco mil.** Então, as vezes eu não tenho recurso pra poder subsidiar. E, as vezes, é desestimulante, porque... Você treina porque? Quando você treina, vôlei?. **Tênis.** É tênis. Você treina tênis. Pra quê você treina? **Então, antes eu treinava por bem-estar ai, agora, eu estou treinando para conquistar... tipo, evoluir as classes.** E depois que você estiver em classes, o que você quer? Você não quer participar de uma competição? Você não quer jogar? **É.** Então, todo mundo treina não só para treinar. **Treina para competir.** Treina para competir, treina para estimular... e a competição também é um processo de aprendizado, porque até lá, você aprende a controlar seus traumas, aprende a perder, aprende a ganhar, aprende a construir um melhor aspecto psicológico, numa situação de dificuldade... então, a competição também é um processo de aprendizado da criança, e faz a importância. A dificuldade que eu tenho, as vezes, é isso aí. Não tem recursos pra subsidiar as vezes, quem não tem condições de fazer. E aí quem tem condições participam né. **Adalberto, eram essas as perguntas. Muito obrigado. Outra coisa, o projeto, ele começou... vocês protocolaram na SESP algum documento?** Então, quando foi criado o projeto, primeiro, foi autorizado pelo Comando do Batalhão de Operações Especiais. Depois foi passado para a Polícia Militar né. E a polícia militar publicou o projeto. O projeto tá publicado no Boletim da Polícia Militar. **Então, eu poderia ter acesso a esse...** Eu vou verificar onde que tá, mas eu posso ver isso. **Vê se consegue pra mim, por favor.** Sim. **É só. Somente isso mesmo. Ai, assim.. o professor lá pediu para entrevistar também algum outro professor, desses voluntários. De preferência... assim... É, pode ser policial ou não né.** Policial não tem ninguém. Só eu. **Ah! você é o único.** É. **Então, tem que ser um dos outros. Aí assim... quem você indicaria?** Eu vou chamar o professor Vlads. Ele é um dos que está aqui a mais tempo também. **Pode ser.** Ele é médico. **Aí assim... só pra finalizar. Você... como foi sua formação no judô. Você começou...?** Então, eu comecei a treinar judô com quatro anos né, como uma atividade física e aí... **quatro anos de idade?** Quatro anos de idade. Meu professor, meu primeiro professor, foi o professor Pedro Lichinorrara que é professor da universidade... **Ele deu aula pra mim de judô lá no CEFET.** É, ele é professor no CEFET e na UFMT. **Depois foi o sensei Arão, que foi pra lá.** Arão. Arão é meu amigo também. Então o professor Lichinorrara foi meu primeiro professor. E eu fui aprendendo o judô não só a atividade física, mas eu aprendi muito a disciplina, hierarquia, e todas as coisas que eu aprendi, desde pequeno até chegar a faixa preta, foram importantes para a minha

formação. Então, coisas de persistência, perseverança, força de vontade, é... não beber, não fumar, não fazer determinadas coisas, foram tudo em decorrência do meu aprendizado, do meu professor. Então, meu professor foi meu segundo pai. **Entendi.** E, nesse processo, eu tenho absoluta certeza que, quando você é bem orientado, o esporte modifica o perfil e a construção da pessoa. Então,... nesse sentido, que a gente criou o projeto, pra ajudar a construir bons cidadãos. **Correto.** E foi assim... **Perfeito. Perfeito.** Esse Vlads aí treina comigo desde que eu tinha quatro anos. Além de você construir boas pessoas, você tem uma integração. Você faz uma amizade, realmente, profunda né. E eles são provas disso. Os caras saem lá da casa deles e vem aqui dá aula pra crianças de graça. Ele é cirurgião plástico, ele não precisa vir aqui. **Entendi.Vou finalizar aqui. Obrigado.**

### **ENTREVISTADOR/PROFESSOR VOLUNTÁRIO**

**Vou gravar. O nome do senhor?** Vladson Celso dos Anjos. **Quando começou... O senhor poderia fazer tipo um resumo...** A partir da minha inserção? **É. O que motivou o senhor a se inserir aqui.** Eu sou atleta judoca desde pequeno. Nunca parei de treinar. Eu competi. Já competi pela seleção brasileira nacionalmente. E..., o Adalberto que é o precursor aqui do projeto, fidelizador de todo o projeto aqui, ele foi colega meu de treino desde pequeno. Quando ele abriu o projeto, ele chegou a mim, convidou para participar e pra ajudar. Na época, eles treinavam... não tinha tatame, treinavam lá fora, não tinham kinomo. Ai, nós, amigos, desde jovens, hoje são profissionais bem sucedidos. Aí todo mundo colaborou e conseguimos... 50 crianças kinomos. Decidiu aqui, começarem treinar. Ai ele conseguiu, primeiro, uma área menor aqui. Ai a partir disso, depois que consegui... que os colegas conseguiram os Kinomos, ai acho que o projeto tinha seis meses, aí eu vim pra treinar e ajudar ele lá. E, eu tenho dois filhos que treinam também. Que treinavam comigo em outro lugar. E aí eu aproveitei e trouxe eles. **Trouxe eles.** Como eu trago eles pra treinar, eu acabei me inserindo mais assim, na parte técnica do projeto. **Certo.** E na parte assim de competição, instrução técnica. Menos envolvido com a parte burocrática ou de atividade assistencial. Mas como o judô é um esporte marcial, independente de toda disciplina, toda conduta que a gente tenta orientar pra eles, querendo ..., vai ter a ver com o comportamento da criança e do adolescente depois. E a exigência desse tipo de ética que a gente tem. **Correto. A parte..., por exemplo, a parte da**

**aceitação da comunidade, qual a abordagem que o senhor percebe?** Então, normalmente, o fato de ser dentro de um quartel que é uma instituição militar, então... já dá um respaldo, querendo eu ou não, a pessoa que vai entrar aqui, já sabe que é judô. Que já é esporte de arte marcial. E tá dentro do quartel, ele sabe tem que se enquadrar nesse ritmo. Então, aqui dentro, ele tem que seguir as regras, porque aqui não é só a regra do judô. É a regra do quartel. O cara não pode vir aqui de qualquer jeito. Ele tem que ter obediência. Tem que.. ser disciplinado. Se faltar, a gente... tem punição. Só que tem um outro estímulo que é a parte da competição que aí eu corro atrás bastante e ajudo, os atletas que se destacam, pra competir fora. Então, eu corro atrás de alguns amigos meus que ajudam na..., depois... ele tá treinando, ganha, consegue viajar... Então, tem muitos atletas aqui que, a gente observa, que nunca teria condições de sair nem de Cuiabá. Mas, que já conheceram o Brasil inteiro por causa do esporte. Então eles passam a ter uma outra visão, diferente do solo do bairro dele. Ele acha..., as vezes, uma menina acha que a vida é só aquilo que ela tem lá, começa a viajar no Brasil inteiro, vê que tem outras coisas diferentes do bairro, tem outra concepção de vida. E eu acho que isso ajuda agregar valor, passa a ter uma visão mais ampla, em relação a vida. **Como o senhor avalia o desenvolvimento do projeto, hoje?** Então, nós temos cinco anos... fez seis agora. **É.** Em relação assim... é... ao número de crianças que já passaram por aqui, mas todo projeto é assim: entram muito, treinam, muitos vão saindo, não tem jeito. Vão saindo. Vão desistindo. O pai desanima. **Só permanece quem realmente quer né.** **É...** ai vai passando o tempo, eles vão... muitos que gostam de competir, vão se interessando e esses vão ficando, e vão fazendo. Então assim, em relação a parte competitiva, chega a ter inúmeras academias aqui que tem 15, 20 anos de judô e a gente sempre tem 3, 4, 5 atletas na seleção. **Daqui do projeto?** Daqui de dentro do projeto. Então, a cada seleção masculina e feminina, são sete, a gente consegue, então... são 14. A gente consegue sempre colocar: 5, 4 dentro da seleção que permanece. Aí já tivemos aqui... quinto colocado na seletiva do brasileiro, já tivemos quarto colocado. Tem uma menina hoje que é vice-campeã brasileira que começou aqui e ficou quatro anos aqui. Tem dois anos que saiu. Agora, foi vice-campeã brasileira nos jogos estudantis. Mas, tá treinando agora luta comigo. **Que top.** Mas começou...formou aqui. **A importância que o senhor verifica de estabelecer esse vínculo: polícia e sociedade?** Então..., pra polícia eu acho que deve ser um bom negócio, porque tira a visão de que, principalmente pra tropa elite, que é o

BOpE, que é a tropa anti-assalto, anti-sequestro, que antes ficava mais nessas... operações maiores, né. Então tem a população a noção de agressividade da tropa. Aí como tem, a sociedade aqui dentro, né.. então tem criança pobre, tem criança que não é pobre. É aberto a comunidade. **É imparcial né.** É imparcial. Então, acho que quebra um pouco essa visão de ser só... agressiva da polícia. Mas, independente disso, aqui tem uma disciplina, é uma instrução, tem que seguir. E que eu acho que isso é importante para a formação do caráter da pessoa. Eu não acho que a pessoa que faz que quer, na hora que quer, chega na hora que quer, do jeito que quer, ela é uma pessoa indisciplinada. Então isso... e a vida não é assim. A vida... médico tem disciplina de estudos, se quer ser advogado, juiz..., tem que ter aquela disciplina pra tudo. **Correto. Pra gente finalizar, qual as dificuldades que o senhor percebe que existem, existiam antes e hoje ainda existem?** Eu acho que hoje aqui, na verdade,... a polícia tem crédito, faz as festividades, mas não ajudam com nada. Ajudam só com o lugar para treinar. Então, todos os professores aqui são voluntários. Os dois tatames que foram feitos foram doação... com Federação Matogrossense de Judô e com a doação de alguns empresários. É... competições que a gente tem, também, é tudo a gente que vai atrás, corre atrás... Então, o Estado, a polícia, tem muita..., não sei se tem tanto assim..., mas assim, tem o crédito, mas, não existe o projeto aqui sem os professores voluntários. Entendeu. **Exato.** E aqui, resolver isso aí, quem ajuda aqui voluntariamente... Lógico, sempre vai ter quem assuma. Mas, não se com a mesma... **qualidade.** Dedicção e qualidade. **Quantos professores tem hoje aqui?** Somos em seis. **O senhor saberia falar os nomes?** Sim. É o Adalberto que é o preceptor, subtenente, Adalberto do projeto. Eu, sou médico. Tem o doutor Gustavo Moreira, dentista. Tem o... professor.. Rodrigo que é engenheiro agrônomo. Tem o professor Gilmar, professor de educação física, que dá aula pra deficiente visual. Tem o... Esses vêm mais frequentemente, mais conciso. Aí, tem o professor Martinho que tá terminando, agora, o treino lá. Tem o professor Willy e tem o professor Sinval. **Sim. Vocês são todos graduados?** São todos faixa preta. Todos terceiro dan em diante. Dan é graduação de faixa preta, vai de uma a cinco, faixa preta. Depois do sexto dan é faixa vermelha e branca. **Ah, entendi! Perfeito. Muito obrigado.**



## FOTOS DO PROJETO JUDÔ BOPE



Foto 1- Projeto Judô BOpE, imagem cedida pelo professor Adalberto



Foto 2- Projeto Judô BOpE, imagem cedida pelo professor Adalberto